



Marina Lemette Moreira

**Design na inclusão social de jovens de
comunidades:
O espaço LILD como experiência transformadora na
Universidade**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Design da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Design.

Orientador: Prof. José Luiz Mendes Ripper



Marina Lemette Moreira

**Design na inclusão social de jovens de
comunidades:
O espaço LILD como experiência transformadora na
Universidade**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Design. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. José Luiz Mendes Ripper

Orientador

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Prof. José Eugenio Leal

PUC-Rio

Prof. Ernani Almeida Ferraz

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Profa. Thereza Penna Firme

CESGRANRIO

Profa. Patricia Cardoso D'Abreu

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
E Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 06 de Novembro de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Marina Lemette Moreira

Graduou-se em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Psicossociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é fundadora e coordenadora do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor da Vice-Reitoria Comunitária da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Moreira, Marina Lemette

Design na inclusão social de jovens de comunidades: o espaço LILD como experiência transformadora na Universidade / Marina Lemette Moreira; orientador: José Luiz Mendes Ripper. – 2017.

110 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2017.

Inclui bibliografia

1. Artes & Design – Teses. 2. Design. 3. Interdisciplinaridade. 4. Problemas complexos. 5. NEAM/LILD. I. Ripper, José Luiz Mendes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes & Design. III. Título.

CDD: 700

Agradecimentos

À Deus por me permitir participar de um mundo melhor.

À minha filha Amanda por realizar todo o encantamento da maternidade plena.

Aos meus pais, dona Ida e senhor Gabriel pela vida, desenvolvimento e exemplo de caráter.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) pelo solo fértil do conhecimento.

Ao NEAM por toda a inspiração e oportunidade de realizar uma missão de amor e oportunidade.

Ao Departamento de Arte & Design pela descoberta de um novo caminho de conhecimento.

Ao LILD por ser um espaço único de desenvolvimento.

À Vice-Reitoria Acadêmica pela confiança em conceder a bolsa de estudos.

À Vice-Reitoria Comunitária e em especial ao Professor Augusto Sampaio por acreditar na minha competência.

À Vice-Reitoria de desenvolvimento e em especial ao professor Sergio Bruni pela condição de colaboração de momentos difíceis.

À Comunidade da Rocinha, centro de referência de nossas ações.

Ao professor José Luiz Mendes Ripper pelo exemplo de trajetória de professor, grande realizador da natureza e amigo de todas as horas.

Aos jovens Daniel, João Victor, Patrick, Milena, Rafael Lira, e Denison Silva pela disposição de cooperar criando situações.

À Banca examinadora pela presença de qualidade acadêmica.

À Aline pelo apoio nas ações cotidianas e na arte de realizar junto aos jovens adolescentes.

À Professora Ana Branco pelo ensino da qualidade de vida.

Ao Professor Audir pelo companheirismo e incentivo ao vivenciar esta trajetória.

À Cristina que em todos os momentos esteve presente com a dedicação.

Ao Davison por ser amigo e exemplo na construção do mundo dos jovens adolescentes, tornando-se mestre na construção acadêmica.

Ao Padre Djalma por reforçar minha fé nas missas de domingo.

Ao professor Ernane, incentivador das ações do NEAM.

Ao Fernando pela dedicação, apoio e amigo de todas as horas.

Ao Professor José Eugênio Leal pela idealização da máquina Milênia.

À Fernanda Pina pela cooperação, entusiasmo pelos jovens e singeleza no convívio.

À Jaqueline, pelo brilho do diálogo concedido em todos os momentos de convívio e exemplo de mestre.

Ao Jorge Paulo pela competência e trajetória construída.

Ao Manoel Mariano Ferreira pelo apoio no desenvolvimento dos jovens do NEAM.

Ao Professor Marcelo Gattas por entender e participar do NEAM.

À Sr^a. Maria Clara pelo depoimento espontâneo e sincero nas suas relações.

À Professora Maria Lucia pela originalidade na produção do NEAM.

Ao Rafael que se especializou para participar intensamente nas imagens e vídeos deste trabalho sendo crítico e amigo.

À Simone pela cooperação na língua portuguesa.

À Professora Thereza Penna Firme que nestes anos manteve sua presença em nosso convívio.

Ao João Camilo pelo estímulo fraternal e amigo.

Ao Médicos Dr. Flávio, Dr. Carlos Gil, Dr. Eduardo Linhares pela competência e confiança em dar a paciente o momento de cura.

In Memoriam

Ao Désio Teixeira Brandão por construir uma mulher de grandes sonhos (in memoriam).

À Professora Francisca Elizia Pirozi pela plena existência ao próximo no amor e nas ações (in memoriam).

À Professora Maria Helena Novaes pelo exemplo e competência acadêmica (in memoriam).

À Maria Luiza pela constante dedicação a todos (in Memoriam).

À Professora Terezinha Machado exemplo de criatividade em educação e
amor infinito pelo ser humano (in memoriam)

Ao Padre Ancelmo Morganti, S.J e ao Padre Laércio Dias de Moura pela d

Resumo

Moreira, Marina Lemette; Ripper, José Luiz Mendes (Orientador). **Design na inclusão social de jovens de comunidades: O espaço LILD como experiência transformadora na Universidade.** Rio de Janeiro, 2017. 110p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho é o resultado de uma investigação das experiências e trocas entre o jovem oriundo de comunidades de baixa renda e o ambiente universitário. Partindo de questões relativas à interdisciplinaridade, no Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD) /Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM). O Design é usado como ferramenta de abordagem das questões complexas e oportunidades derivadas da relação jovem com a universidade circunscrevendo uma tríade entre Design interdisciplinaridade e complexidades. A coleta de dados se deu através de entrevistas dos jovens envolvidos em parceria com o Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) e o Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD). É o Laboratório de Investigação em Livre Desenho que vem formando corpo no próprio envolvimento do professor e do jovem, o que faz a diferença para todos os envolvidos, onde o desenvolvimento está para o olhar e um objetivo concreto e que se transforma em diferentes escalas: vegetal, animal e biológica, vivendo assim, as suas próprias ações, tempos diferenças, nas escolhas do próprio caminho, uma aventura a que se dá através da mistura curiosidade dos saberes e fazeres.

Palavra-chave

Design; Interdisciplinaridade; Problemas Complexos; NEAM/LILD.

Abstract

Moreira, Marina Lemette; Ripper, José Luiz Mendes (Advisor). **Design in the social Inclusion of young people from the communities: LILD as the space of transformation experiences at the university.** Rio de Janeiro, 2017. 110p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work is the result of a research of the experiences and exchanges between the young people coming from low-income communities and the university environment. Starting from issues related to interdisciplinarity, debated in the course bodies Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD) and NEAM. Design is used as tool to approach the complex matters and opportunities derived from the young and university relationship circumscribing a triad between Design, Interdisciplinarity and complexity. The data collected through interviews with young teenagers involved in the partnership with Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM). LILD as body of the University form a singular space of reference of studies involving teacher and the young, which make the difference for all surroundings. The development of concrete look and goal that transforms into variable scales: vegetable, animal and biological, living thus, their own actions, times, differences in the choice of their own way, an adventure that occurs through the mixture of curiosity of knowledge and doings.

Keywords

Design; Interdisciplinarity; Complex problems; NEAM; LILD.

Sumário

1. Introdução	12
1.1. Problema da Justificativa	16
1.2. Foco da Pesquisa	19
1.3. Questão da Pesquisa	23
2. Referencial Conceitual	25
2.1. Universidade Como Experiência Transformadora	25
2.2. O Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD)	25
2.3. O Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor NEAM/PUC-Rio	28
2.4. Histórico da Relação Design-NEAM	29
2.5. O LILD e a Parceria com o NEAM	35
2.6. O NEAM e a Comunidade da Rocinha	40
3. Registro de uma Memória	44
3.1. Design-Memória	44
3.2. Memória Individual e Coletiva	45
3.3. Memória Coletiva	45
3.4. Memória Individual	47
3.5. Memória herdada	48
3.6. Intergeracionalidade nos Diferentes Diálogos de Memória	51
3.7. Memória: Indivíduo, Coletivo, Herança no Encontro NEAM-Design	53
4. Campo de atuação	58
4.1. A Produção do Conhecimento Interdisciplinar	58
4.2. O Adolescente e sua Transformação social	61
4.3. O Método do Campo de Atuação	64
4.4. Design em Parceria	65
4.5. Produtos do Material Bambu: Casa do João de Barro	66
4.6. Produtos do Material Bambu: o Domo	69
4.7. Colheita	70
4.8. Tipos de Bambu	72
4.9. Ferramentas – Material de Uso	74
4.10. Construção da Maquete do Laboratório do LILD	75
4.11. Produtos do Material Bambu: Aplicabilidade de Papel Reciclado	75
4.12. Bambu Histórias de um Japão	76
5. Metodologia da Pesquisa	80
5.1. Pesquisa Ação	81
5.2. Design Participativo	83
5.3. Perfil dos Jovens	86
5.4. Coleta de Dados	86
5.5. Entrevistas	87
6. Resultados	95
7. Discussão	101
8. Conclusão	104
9. Referências bibliográficas	109

Lista de Figuras

Figura 1: O LILD	17
Figura 2: Jovens do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor em atividade no Laboratório de Investigação em Livre Desenho.	21
Figura 3: A importância do LILD (elaborado pelo autor)	26
Figuras 4 e 5: O laboratório de Investigação em Living Design. (Foto: Fernando Matos)	26
Figura 6: Prof. José Luiz Mendes Ripper segura uma forma de sisal com barro. (foto: Livro Jogo das Formas, 2014)	27
Figura 7: O espaço LILD como Experiência de Transformação (elaborado pelo autor)	27
Figuras 8 e 9: Jovens do NEAM em atividade. (Fotos: acervo NEAM/PUC-Rio)	28
Figura 10: Primeiro produto da convivência do Design com a Comunidade (foto: elaborado pelo autor).	30
Figura 11: Foto de uma apresentação do projeto Biochip na PUC-Rio. A apresentação foi também realizada na Rocinha.	31
Figura 12: Redesenho da Máquina Milênia 1998/99, Designer Maria Luiza	32
Figura 13: Lançamento do livro “Um Olhar sobre A Produção Cultura na Rocinha”. (Foto: Elaborado pelo autor).	33
Figura 14: Componentes Essenciais do NEAM. (Elaborado pelo autor).	34
Figura 15: Maquete do Laboratório de Investigação em Livre Desenho.	36
Figura 16: O gesto com corda e nós em “X”. (Foto: Livro Jogos das Formas, 2014).	38
Figura 17: Comunidade da Rocinha.	40
Figura 18: A relação Comunidade e Universidade. (Composição: Davison Coutinho).	42
Figura 19: A relação LILD-NEAM em 2015 (Foto: Elaborado pelo autor)	55
Figura 20: A mão de um jovem na Oficina de Reciclagem de Papel do NEAM. (Foto: Acervo NEAM/PUC-Rio)	56

Figura 21: Encontro com Profª Elisia Pirozi, liderança comunitária da Rocinha e parceira do NEAM desde 1982. (Foto: acervo NEAM/PUC-Rio).	61
Figura 22: Domo do Estádio Olímpico de Munique – Frei Paul Otto	62
Figura 23: Os jovens João Victor Albuquerque e Daniel Melone trabalham no acabamento da forma ideal para o Casa de João de Barro. (Foto: elaborado pelo autor).	66
Figura 24: Processo de construção do Domo (Casa do João de Barro). (Fotos: Elaborado pelo autor).	68
Figura 25: Casa do João de Barro feito pelo pássaro. (Foto: Reprodução).	69
Figura 26: Crescimento do bambu na PUC-Rio (foto: elaborado pelo autor).	71
Figura 27: Forma do corte do bambu-copo como proteção. (Foto: elaborado pelo autor)	72
Figura 28: Tipos de bambu. (Elaborado pelo autor).	74
Figura 29: Ferramentas de trabalho no LILD. (Fotos: Elaborado pelo autor).	75
Figura 30 - Ponte em círculo. Bambu Cana-da-Índia. Shigeo Kawashima.	78
Figura 31: Imagem retirada do filme “O conto da Princesa Kaguya”.	78
Figura 32: metodologia-dinâmica de atuação. (Elaborado pelo autor).	84
Figura 33: Missão da PUC e o Design. (Foto: Rafael Trota).	85
Figura 33: Alunos do NEAM participando do laboratório LOTDP, em 2002. (Foto: acervo NEAM).	108

Introdução

O que me interessa são as possibilidades de salvação
(CALVINO, 1993).

“O modo que fomos cuidados só convence verdadeiramente quando se transforma na biografia das pessoas, modela situações existenciais” (BOFF, 1999).

Estamos no Jubileu de Nossa Senhora Aparecida, ocasião em que a Fé intensa dos devotos desperta o espírito e o amor desenvolvido por muitos. É uma das trajetórias quando nos vemos inseridos num mundo competitivo e, que nos exige um lugar de destaque numa sociedade capitalista. E essa trajetória é a essência desta realização. Neste difícil contexto da diversidade social, torna-se impossível que jovens oriundos de famílias de baixa renda possam se encontrar num futuro próspero, trazendo o conhecimento como ganho certo e lutando pela sobrevivência do cotidiano. Nesse difícil contexto contamos com a família que busca o melhor para que seus filhos concorram na “roda viva” para a oportunidade. Com tudo isso a guerra é pesada e a formação recebida na infância vai ajudar nesse enfrentamento, vejamos: Um pai simples, de formação militar, aposentado, traz nos braços a criança, troféu que está sorrindo muito, pois aquele pai a faz artista em todos os momentos de convívio.

A menina de cinco anos (autora desta tese) canta e recita nas mesas dos amigos em festas, driblando a própria natureza de crescer em ser cada vez mais feliz. Nessa perspectiva de futuro, o caráter desse ser já vem marcando atitudes e comportamentos.

O fato de o pai não ser letrado, o faz mais responsável pela formação, uma vez que esta criaturinha o provoca para um renascer, na qual o ganho maior é torná-la uma professora. Os anos se acumulam e o jogo da vida não espera resultados e ganhos certos.

O primeiro trabalho entra na categoria do desafio e permite que a jovem vislumbre uma formação profissional, capaz de revelar situações inovadoras. E a formação acadêmica ficou adiada, pois o trabalho traria satisfações infindáveis. Mas, havia um interior na jovem, que refletia sobre a importância do conhecimento e que provocava decisões capazes de neutralizar o poder dos cargos

e situações de progresso. Vamos dar mérito à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que, além de apresentar o conhecimento, permitiu que nosso querido capelão Ancelmo Morgante renovasse na jovem a importância da elevação espiritual e o poder da oração.

Assim, o tempo passou e o nosso desafio surge na formação do Núcleo de Estudo e Ação sobre o Menor (NEAM) que inspira, acolhe e realiza jovens que buscam o futuro no exercício de viver o conhecimento. Novidade maior é a presença da filha querida que se desenvolve sem limites, dando o recado que o conhecimento comanda o sonho de ser uma pesquisadora.

Este texto está defasado no tempo, mas não na vontade de passar o conhecimento através do Desenho Vivo, encontro atrelado na formação de jovens que descobrem o caminho da ciência.

Havia um inconformismo grande em viver na PUC-Rio, como aluna, sem contribuir para a Universidade na ampliação do olhar no mundo que nos cerca. Interessava-me exaltar aos pesquisadores, estabelecidos nesta universidade, que há sempre mais a se ver no mundo exterior:

A observação dos fenômenos sociais que são fontes de riqueza inestimável para o avanço da ciência e a iniciativa interdisciplinar de integrar alunos e professores na construção de um novo ambiente. Quando se pensou o NEAM, a Professora Thereza Penna Firme, fundadora do núcleo, reuniu durante vários meses, diferentes professores de quase todos departamentos da PUC-Rio para discutir a interdisciplinaridade de um núcleo estudando a criança e o adolescente, em circunstâncias difíceis. O Núcleo de Estudo e Ação sobre o Menor (NEAM), no ano de 1982 propiciou a concretização de um sonho e potencializou uma ação socioeducativa ambiental para jovens oriundos de comunidades de baixa renda, conjugando referências da família, da escola, do trabalho e da ciência. Ampliar a ação extramuros da PUC-Rio, participando da melhoria das condições de vida da comunidade do entorno, aplacou meu inconformismo inicial.

Constituídos pelas portarias nº02/82 e modificada pela portaria nº 73/82 em linhas gerais, cabe ao NEAM:

- Identificar, através de estudos e pesquisas, os componentes principais da problemática do menor;

- Contribuir para a formação de recursos humanos que atuem em programas relativos ao menor desassistido;
- Sugerir alternativas de ação concernentes à prática educativa em programas relativos ao menor desassistido;
- Ativar e enriquecer o fluxo de informações relativas à problemática do menor desassistido;
- Colaborar no encaixamento e na solução de todos os problemas derivados da presença de menores no campus da Universidade.

Para o alcance de suas metas, a interdisciplinaridade ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque. Após 36 anos, é possível afirmar que a PUC-Rio tem hoje condições de destacar demandas manifestas de resultados pelos anos de colaboração universidade-comunidade.

Conclui-se que nosso povo se dispõe a confiar na academia como fonte, se não imediata, eficaz de solução de seus problemas prementes. O NEAM na passagem do século, comprova que, por meio de suas ações e projetos, nesse processo, está sempre na vanguarda universitária, optando por um trabalho concreto com as comunidades, visando o desenvolvimento das capacidades de crianças e adolescentes.

O NEAM convive, por certo, com as contradições existentes, o pluralismo cultural, a complexidade da vida moderna, o consumismo selvagem, a violência urbana, o poder econômico; mas preserva, dentro do espírito cristão, traduzido por alegria, bondade, paz e amor pelo outro, o respeito pelo seu trabalho social e humano.

A promoção da vida em todas as suas manifestações é o seu lema, garantia do sucesso de suas atividades, pois age diretamente com as relações humanas eixadas num convívio acadêmico, além do social, buscando com criatividade as alternativas transformadoras do bem-estar e justiça social.

Esse empreendimento transmite a sua fé no poder divino, na capacidade de perdão e de renovar o homem a todo instante, mas aposta, igualmente, no conhecimento, na sabedoria e nos avanços da ciência voltados para o bem da humanidade e para a sobrevivência do planeta Terra. Tal iniciativa tem o cuidado de reinventar o dia a dia, reconstruindo atividades de solidariedade entre seus parceiros e colaboradores, criando um ver, de chão, de porto seguro, para todos os

que lá aportam e compreende que o desvio social não é uma característica de um ato isolado que a pessoa comete, porém uma consequência da aplicação, por diferentes pessoas, de desadequadas sanções para a transgressão.

Ao projetar suas ações; o NEAM tem a audácia de imaginar condutas férteis e ricas, motivado sempre pelo desejo de ver o crescimento do ser humano em qualquer idade ou etapa evolutiva, haja em vista seus projetos com a 3ª idade. Ele entende, perfeitamente, que exclusão social é uma “ construção” e não um mero resultado, envolvendo, na sua constituição, reconhecimento, legitimidade e expressão, o que produz conteúdos simbólicos sempre presentes nas práticas.

Tudo o que é moralmente correto deriva de quatro fontes, como já apontava Cícero:

- a plena percepção ou desenvolvimento inteligente do que é verdade;
- a presença de uma sociedade organizada em que todo homem recebe e merece e cumpre suas obrigações;
- a grandeza e a força de um espírito nobre e universal;
- a ordem e a moderação no que é dito e feito.

Tal afirmação, sem dúvida, idealizada no percurso da vida e na evolução humana, exige ações rápidas e eficazes, uma vez que nosso mito de criação cultural está mais ligado em evidências sólidas e científicas do que na arte da profecia e da intuição. O fato é que o homem, nesta transição de século, começa a compreender que sua sobrevivência está na base da cooperação e da interdependência entre tudo e todos para conviver e superar o caos e a desordem esperados, para saber o que fazer na hora certa, como nos ensinam as algas ao corrigirem os abusos ambientais.

Já sabemos que a capacidade do homem de causar danos à natureza é enorme e que a redução da ameaça ambiental requer sobretudo mudanças no comportamento humano, pois, de nada adianta falar do efeito estufa, dos fenômenos "El Niño e da La Niña", se os homens não se modificarem face à natureza, muito mais inventiva, sutil e elegante do que os próprios homens.

O Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM), contudo, sofre com a falta de compreensão, diante da irresponsabilidade de alguns, mas, tem alegrias muitas e as ansiedades certas, tendo aprendido a conviver com a adversidade e os

obstáculos, seja do meio Universitário ou externo e com as situações – limite, o que lhe dá ânimo e fôlego. Tem a capacidade de antever, que no próximo milênio, ou estaremos todos trabalhando juntos para o bem comum ou todos juntos mergulhando em situações, não complexas, apenas, mas, muito complicadas.

Minha vivência junto ao Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) e à Comunidade representa a história da Rocinha na Universidade e vice-versa. Cada um cumprindo seus propósitos, sem desvirtuar-se de seus respectivos papéis na sociedade. De mãos dadas, em atitude colaborativa para o mútuo enriquecimento do corpo e do espírito, andando em sintonia com a missão da universidade.

Pe. Laércio Dias de Moura, S.J. – Reitor da PUC-Rio em 1986 – em A Universidade Brasileira: Dilemas e Alternativas (1986), insere toda a filosofia do Núcleo:

Todo ser humano, qualquer que seja sua idade, sexo, raça, cor, língua, condição de saúde, confissão religiosa, posição social, econômica, ideológica, política, cultural, é portador de uma dignidade inviolável e sujeito de direitos e deveres que o dignificam em sua relação com Deus, como filho; com os outros homens, como irmão, e com a natureza, como senhor. Por isso, todos os seres humanos são fundamentalmente iguais em direito e dignidade, livres para pensar e decidir de acordo com a sua consciência; para expressar-se, organizar-se em associações e buscar sua plena realização, mas em profundo respeito à liberdade e dignidade dos outros seres humanos, tendo sempre em vista o bem comum (DIAS de MOURA, 1996)

Contar a história das lutas para convencer pessoas e instituições a apostar em novas iniciativas, poderia ser um caminho para esta tese. A busca pelo verdadeiro progresso, que é fruto da coragem de arriscar e não da acomodação da permanência, complementaria esta opção.

1.1

Problema da Pesquisa

Mas, nossa opção, nesta pesquisa, não está no registro das primeiras dificuldades ou lutas territoriais. Nossa opção está no relato de pequenas vitórias significativas que tornam o do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) hoje, de fato, o “Laboratório da Esperança”, tal qual cunhado pelo outrora reitor da PUC-Rio, Padre Jesús Hortal Sánchez, S.J. É inquestionável que, por meio do

Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM), desenvolve-se um papel benéfico que leva à Universidade.

No sentido de relatar uma de nossas pequenas vitórias, elegemos para essa pesquisa abordar o caráter interdisciplinar do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM). Assim, para atender a meta de criar oportunidades para a socialização e integração dos jovens do meio ambiente com vistas à valorização dos benefícios socioambientais dos contatos onde eles se inserem em suas comunidades, elegemos estabelecer uma parceria com o Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD), vinculado ao Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, coordenado pelo Professor Emérito José Luiz Mendes Ripper.



Figura 1: LILD. (Foto: Rafael Trota).

Nossa opção deveu-se, essencialmente, ao fato de o Design ser um campo de vocação interdisciplinar e de natureza tecnológica (COUTO, 2014) que tem no Design Social uma de suas abordagens metodológicas; e de ver, no LILD, um laboratório dedicado às questões ambientais e ao desenvolvimento de tecnologias em coautoria com as comunidades.

Para atingir nossa meta, notamos a necessidade de novos questionamentos, de uma mudança de atitude na abordagem do objeto de pesquisa, de forma a

observar o conjunto como um todo. Daí a relevância da interdisciplinaridade e não de uma fragmentação dos saberes. De acordo com Couto (1997):

A interdisciplinaridade pressupõe novos questionamentos, novas buscas, transformação da própria realidade. Implica uma mudança de atitude, que possibilita o conhecimento, por parte do indivíduo, dos limites de seu saber para poder acolher contribuições de outras disciplinas. Interdisciplinaridade deve ser, pois, entendida antes de tudo, como atitude, pautada pelo rompimento com a postura positivista de fragmentação, visando à compreensão mais ampla da realidade. Através dessa postura é que ocorre a interação efetiva, sinônimo do interdisciplinar. (COUTO, 1997)

Justificamos nossa opção pela aproximação com o Design, pois toda sociedade em processo de transição sociocultural passa por momentos de ruptura e desestabilização. É, nesse momento, que é necessário provocar uma nova ordem exigida através de projetos emergentes e complexos que, por sua vez, desencadeiam novas relações entre causas e efeitos.

Encontrar mecanismos de ação e desenvolvimento viáveis para aproximar o conhecimento e o saber de várias fontes, faz da interdisciplinaridade um pressuposto para formação de agentes multiplicadores sociais, nomenclatura utilizada no Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) para o grupo de profissionais que atuam no sentido de promover a aproximação Universidade-Comunidade e de, assim, contribuir para o fortalecimento de um sujeito socialmente participativo e solidário.

Elegemos então, como situação problemática onde a pesquisa se insere, a falta do conhecimento da importância do Design na formação de agentes multiplicadores sociais, como um dos fatores que contribuem para a quantidade ainda extensa de soluções para o cotidiano de comunidades distantes de cultura em que seus membros estão inseridos.

Concebemos o Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) numa visão interdisciplinar, na qual os processos de educação e integração social dariam ao jovem a oportunidade de obter uma educação abrangente em que identificassem as causas, e indicassem caminhos de socialização e mantivessem neles o valor de pertencimento no sentido de relatar uma experiência interdisciplinar bem-sucedida de valorização do pertencimento e de desenvolvimento técnico-profissional.

Assim sendo, pode-se analisar o registro e a análise dos resultados dos trabalhos realizados pela parceria do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor

(NEAM) - Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD) com o substancial desenvolvimento e impacto social por meio do Design, potencializando sujeitos capazes de se educarem, a si mesmos nas suas comunidades, formatando iniciativas de empreendedorismo social, objeto de nossa intervenção.

1.2

Foco da Pesquisa

Assumimos, portanto, como foco específico de pesquisa uma das ações na parceria entre o Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) e o LILD, entendendo o laboratório como provedor de experiências dentro do ambiente universitário em diversas esferas: trocas econômicas, educativas e culturais. Nesse sentido, a interdisciplinaridade inicialmente sonhada, se aprofunda na parceria com o LILD e com a comunidade, como passo significativo e promissor.

Em síntese nosso propósito é investigar se as intervenções sociais realizadas pela parceria NEAM-LILD-Comunidade propiciam o desenvolvimento de soluções, constituindo assim um saber nas interfaces de suas ações. Como recorte de pesquisa, elegemos centrar a investigação em uma ação, como já se apresentou, desenvolvida no Laboratório de Investigação em Livre Desenho, no período de 2015.1 a 2017.2 envolvendo agentes multiplicadores do Design, do Núcleo de Estudo e Ação Sobre Menor e membros da comunidade da Rocinha.

A referida ação foi a convivência dos jovens com os materiais naturais: bambu, barro e folhas vegetais, incluindo a taipa bem como a experiência artesanal na construção do Domo, casa do pássaro João de Barro. O foco da pesquisa foi, portanto, verificar o impacto dessa ação na formação dos jovens do NEAM envolvidos no estudo.

A história desta parceria tem início em 1986. Ela se dá mediada por ações junto à comunidade, em uma relação interdisciplinar entre o NEAM e o Design Social. A primeira ação teve como agentes os professores Ana Branco e José Luiz Mendes Ripper, na comunidade da Rocinha, com aulas de alfabetização-socialização, junto à professora Francisca Elizia Pirozi do Centro Comunitário União Faz a Força.

Na PUC-Rio, diferente de outros lugares, o Departamento de Artes e Design foi integrado em um Centro de Ciências Humanas, já que ele utiliza da expressão da sensibilidade criadora e transformadora do homem em face do seu meio. Com isso, visa enfatizar muito mais o processo do fazer do que o produto, evitando as práticas de pura e simples repetição, impostas por um universo saturado de produtos já dados. Nessa relação com o LILD foi enfatizado o significado de inovação metodológica no ensino do Design.

Esse estudo encontra-se sustentado nas práticas interdisciplinares dos projetos, reconstruindo novos referenciais e escalas como modelo de desenvolvimento e de formação social. Numa perspectiva de terceiro Milênio, busca-se contribuir para a descoberta de novos paradigmas que possibilitem uma reintegração da ciência na práxis social cotidiana.

O momento, especificamente, retrata a lugares do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) neste novo milênio. Propícia uma reflexão mais aprofundada sobre o papel da universidade na sociedade, uma vez que vivemos num contexto sociocultural pleno de contradições, suscitando perplexidades e dúvidas que nos levam a buscar novos caminhos para conseguir uma participação mais ativa dos alunos e professores, na construção do próprio processo educativo.

A cultura, em seu significado maior, pressupõe a cosmovisão de um povo e da pessoa humana que vive um determinado contexto, tendo a ver com o modo de existir no mundo e de buscar sua identidade. É a força de criação e de inovação, estabelecendo uma ponte entre transmissão e transformação. Uma educação criadora implica num conjunto de iniciativas e ações que levam à abertura das ideias, à procura de soluções inovadoras, proporcionando condições para que sejam transferidos os conhecimentos a situações da realidade social e cultural.



Figura 2: Jovens do NEAM em atividade no LILD. (Foto: Elaborado pelo autor).

No contexto sociocultural brasileiro, podemos citar Roberto da Matta (1991, p. 114) em seu livro “A Casa e a Rua” quando nos mostra que esta é uma sociedade relacional: um sistema no qual o básico, o valor fundamental, é relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar. Ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir – jamais excluir. Nesta relação social, podemos dizer que nossa interação, como sistema, confronta diretamente os laços de família, os elos de amizade e da sociedade instituída.

Em oposição a contemporaneidade na conduta social, com as novas tecnologias contextualizadas, faz do indivíduo “um ser ilha”, isolado de todos e agregado aos televisores, celulares, vídeo games, computadores, rádio: Dispositivos como ponta de comunicação de massa.

Em um processo democrático, a informação deveria facilitar o reconhecimento da responsabilidade social, sublinhando a valorização das comunidades e de suas necessidades reformistas, frente aos problemas sociais presentes e ao desejo de cooperação de muitos pesquisadores e jovens universitários.

Considerando que a universidade dispõe de informação de grande relevância para a sociedade, estimular a troca entre saber científico e o saber popular seria propiciar maior legitimidade institucional, estimulando a prática de um pensar criativo. Reformular a política da palavra academia é, contudo, um desafio, uma vez que a informação trata novas possibilidades de interação com as

práticas sociais ao buscar novos significados, mesmo porque, a lógica da contradição e o espaço da incerteza pontuam o cotidiano das vivências coletivas.

Por outro lado, Baudrillard afirmou “O uso do objeto de série não se dá nunca sem uma postulação implícita ou explícita dos modelos.” (Baudrillard, 1968, p.194)

A potência coletiva cria uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades. É, portanto, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de se sentir em comum. A fazer isso, retornou-se a concepção que Kant dava à *aisthesis* (parte da filosofia que lida com a arte, de um modo geral, trabalha o gosto ou a percepção da beleza): a ênfase sendo colocada menos sobre o objeto artístico como tal, que sobre o processo que fez admirar esse objeto (Maffesoli, p. 28, 1944).

Na produção do conhecimento científico impõe-se a “razão dialógica” e de um saber que resgata a prática da vida como interlocutora das descobertas científicas, considerando os valores, os símbolos e as ideologias da realidade sociocultural.

É intenção da Universidade, fórum permanente de debate intelectual, que esse conhecimento seja abordado numa visão interdisciplinar, a fim de que possa ser inovador e provocar as desejadas mudanças sociais. A integração entre Universidade e a comunidade permite evidenciar as contradições, mas com o propósito de exatamente desmistificar essa política de “palavra da academia”. Na Universidade, sobretudo, futura, será primordial partir para uma compreensão mais aprofundada das mutações processuais (libertando cientistas, professores, artistas e profissionais do aprisionamento intelectual), redimensionadas em cenários mais abrangentes, o que levaria o homem à construção de novos conhecimentos, inseguros na sua realidade, histórico-cultural, possibilitando uma real melhoria da qualidade de vida e o tão almejado bem-estar social de todos.

1.3

Questão da Pesquisa

Como objetivo principal deste estudo, propomos então refletir sobre o valor de ações interdisciplinares como pilar para um olhar sobre o jovem como agente transformador do seu ambiente, amparado por experiências desenvolvidas no ambiente universitário.

Assim, os objetivos específicos da presente pesquisa se resumem em registrar os resultados da ação interdisciplinar desenvolvida na comunidade da Rocinha, onde o Design contribuirá, em uma teia de relações sociais, singularizando, o espaço da ação, dando ênfase ao resultado do desenho coletivo. Criar um conjunto de ações formativo- educacionais, práticas e simples, que revigore a prática de uso, seleção e reutilização de variados materiais e objetos descartáveis, para a aquisição de melhores condições da vida na comunidade.

A parceria Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) - Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD) faz-nos partir do pressuposto de que a educação em parceria/coautoria deve ter como premissa a concepção de uso e desenvolvimento de tecnologia apropriada e deve combinar simplicidade do processo, viabilidade econômica e utilização de conhecimento técnico – científico, concentrado num repasse a pessoas, originando, assim, agentes de multiplicação e transformação: cidadãos atuantes socialmente e conscientes de sua participação. Entendemos que os objetivos específicos aqui propostos atendem ao compromisso de se construir referências de análise e de ação que constituam transformações, numa lógica institucionalizada, assumida em ações e práticas que se entrelaçam e produzem novos conhecimentos com vistas a transformar a realidade social.

Propõe-se, nesta pesquisa, alcançar uma leitura plural, diversificada, de um lado, destacando a particularidade existente nos limites do tecido institucional. Privilegia-se, então, uma escuta explicativa, para enfrentar as incertezas, a impossibilidade de mudança, o sequestro da vontade e a anorexia moral vigentes. Entendemos ser importante perceber o modo como as culturas lidam com os valores ideais comunitários com a intimidade das relações e com a trama das responsabilidades mútuas.

O fato concreto é que pessoas estranhas, inseridas ou excluídas, convivem em uma fase de modelos socioculturais de diversas naturezas. Ações interdisciplinares procuram, assim, resgatar o sentido humano para a vida.

Tal situação possibilita o diálogo com o mundo, através das redes de conexões para propiciar, sem dúvida, um mergulho nas situações, reavendo a dinâmica do movimento advindo da produção de diferenças. Produzir instantes de construção e desconstrução, nesta contraditória pós-modernidade, é nossa intenção.

2

Referencial Conceitual

2.1

A Universidade como Experiência Transformadora

No intuito de ampliar e fundamentar o significado da parceria NEAM-LILD-Comunidade, este capítulo avalia a Universidade como experiência transformadora da conferência desses três componentes aqui descritos e interpretados na sua vivência, tanto específica de cada um, como compartilhada entre eles, e integrada substancialmente.

2.2

O Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD)

“A ciência não começa com aparelhos. Ela começa com os olhos, a curiosidade e a integração” (Rubens Alves).

O laboratório de Investigação em Livre Desenho é um espaço de pesquisa onde se desenvolvem tecnologias apropriadas para serem aplicadas no meio social rural. São utilizadas técnicas de baixo impacto ambiental, com forte impacto social e simples de serem apreendidas. O LILD utiliza um ferramental e manual de fácil aquisição. Seus componentes essenciais (figura 3), enfatizam a diversidade, o experimento, o uso de materiais naturais, a troca de conhecimento e a pesquisa.



Figura 3: A importância do LILD. (Elaborado pelo autor).

Criado, há mais de 20 anos, como um laboratório para desenvolver e produzir implementos, acessórios e até veículos de apoio à criança e adultos paraplégicos, atendidos pelo Centro de Vida Independente (CVI) da PUC, o LILD sob a permanente liderança do Professor Dr. José Luiz Ripper, deu início a mesma série de experimentos para desenvolver processos de projetos de construção, voltados especialmente para as áreas rurais mais carentes do interior do Brasil.



Figuras 4 e 5: O laboratório de Investigação em Living Design. (Foto: Fernando Matos).

Ripper (2015) reflete sobre o LILD:

É o LILD que vem formando corpo no próprio envolvimento do professor e do outro e dessa alteridade, o que não faz a diferença para todos os envolvidos, onde o desenvolvimento está para o olhar e um objeto para convicção, se transformando incessantemente em diversas escalas: vegetal, animal, biológica, e,

assim possa viver a própria, com suas ações, tempo, diferenças e acúmulo de experiência indizíveis e talvez invisíveis para a escolha de caminho – aventura de mistura, curiosidade, saberes e fazeres.

O LILD desenvolve suas atividades de pesquisa no Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e é coordenado pelo Prof. Ripper (figura 6). A figura 7 apresenta os conceitos e materiais utilizados no LILD.



Figura 6: Prof. Ripper segura uma forma de sisal com barro. (Foto: Livro Jogo das Formas, 2014).



Figura 7: O espaço LILD como Experiência de Transformação. (Elaborado pelo autor).

2.3

O Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor - NEAM/PUC-Rio

O Núcleo de Estudo e Ação sobre o Menor – NEAM/PUC-Rio vem desenvolvendo, ao longo de seus 36 anos de história de ação comunitária, um trabalho responsável e reconhecido, tanto pela comunidade que serve de alvo para suas ações, quanto pelas demais comunidades envolvidas em seus projetos.

Os projetos do Núcleo têm um relevante significado por sua atribuição comunitária. Nesse sentido, objetiva manter suas atividades fundamentadas num processo de educação de crianças e adolescentes, através de ações de cidadania em comunidades parceiras.

Conjugam-se, então, os mundos do trabalho, da escola, da arte e da ciência, tarefa que demanda uma ampla articulação entre os diferentes campos do saber.



Figuras 8 e 9: Jovens do NEAM em atividade. (Fotos: Acervo NEAM/PUC-Rio).

A metodologia-NEAM, caracterizada como interdisciplinaridade, integra as diversas áreas do conhecimento, cria novas pontes de interseção entre o saber acadêmico e o saber popular, estimula a troca de experiência e favorece a integração social com a comunidade, que, por um lado, aceita, de maneira espontânea, a ação universitária, e, por outro, passa a valorizar o conhecimento científico. Nosso enfoque pedagógico surge a partir das competências escolares, motivando a criança e o adolescente ao aprimoramento da capacidade de comunicação e da linguagem, ao desenvolvimento da credibilidade para pensar e raciocinar, ao reconhecimento das próprias virtudes e à confiança nas próprias potencialidades, enfocando a autoestima. Como resultado, tem-se o enriquecimento das ações educativas, numa relação de convivência no Campus da

PUC-Rio. O público-alvo, diretamente atingido, torna-se agente de uma ação multiplicadora e transformadora de um comportamento frente às diversas questões apresentadas em sua comunidade. Forma-se um cidadão participante de uma nova proposta de futuro. Nestes anos de trabalhos realizados, definimos a pesquisa-ação (Thiollent, 1985) como uma das principais vertentes em nossa atuação. Destacamos, também, outros princípios que nortearam o progresso deste Núcleo:

- A compreensão de que trabalhar com situações socioeducativas consiste menos em tentar homogeneizar os seus componentes do que em procurar articulá-los ou, apenas, conjugá-los.
- A utilização de modelos tais como, diálogo entre os diferentes sujeitos e objetos de atuação de inteligibilidade das práticas educativas, favorece a distinção de diversas leituras das ações, tanto das pessoas envolvidas, como das interações grupais e das organizações e instituições.
- A conjugação do “singular” e do “plural”, do “simples” e do “complexo” nos sujeitos e objetos dos conhecimentos inscritos.
- A lembrança de que a Educação está sempre inserida no campo da heterogeneidade, descartando uma visão ingênua das relações que ocorrem, sabendo lidar com a pluralidade de enfoques e a complexidade das situações.

Apostamos na criatividade, na imaginação e na potencialidade de todos aqueles que participam, abrindo concretamente perspectivas para uma melhor compreensão do saber com sabor. Elevamos as diferenças sociais e culturais, na busca da solidariedade humana e da fraternidade cristã, que procura transformar adolescentes de classes populares em cidadãos e agentes de transformação das sociedades em que vivem. Nossa parceria entre o sonho e o futuro é fazer gente crescer.

2.4

Histórico da Relação Design-NEAM

1982 • Início da relação NEAM/PUC-Rio com a Comunidade da Rocinha marcado pela visita de dois professores do Depto. Artes & Design, o professor

Ripper e a professora Ana Branco que resultou no livro artesanal apresentado na figura 10.



Figura 10: Primeiro produto da convivência do Design com a Comunidade. (Foto: elaborado pelo autor).

- **1983** • Desenvolvimento da logomarca do NEAM, sob a orientação dos professores Cláudio Magalhães, Joaquim Rediq e Suzana Fonseca, as alunas Denise Chaachaa e Liane Peçanha concluem, em ART1008 Projeto de conclusão de Curso 1983.1 de Comunicação Visual, o logotipo do Núcleo.
- **1996** • O estagiário do NEAM e aluno de graduação, Átila Soares da Costa Filho, do Depto. Artes & Design, sob a orientação do Professor Valério Rodrigues, desenvolveu um kit-animação para crianças no Centro Comunitário União Faz a Força, na Rocinha, com a nossa cooperação e incentivo, concluindo o seu projeto final.
- **1997** • Criação do encontro e publicação “Tempo de Criançar” com crianças da Rocinha e da Escola Parque, tendo como professor participante, do Departamento de Artes & Design, o Professor Clovis Bucich e os alunos Átila Soares da Costa Filho e Maria Luiza Albuquerque. A publicação do evento foi divulgada e encontra-se no NEAM.
- **1997 – 1998** • Apresentação do projeto BIO-CHIP (figura 11) pelo NEAM à Comunidade da Rocinha, sob a coordenação da Professora Ana Branco, do Departamento de Artes & Design, e com o apoio do Centro

Comunitário União Faz a Força. Foi sistematizada uma apresentação diária, junto às mães e moradores.



Figura 11: Foto de uma apresentação do projeto Biochip na PUC-Rio. A apresentação foi também realizada na Rocinha.

- **1998 – 1999** • Os alunos do Depto. Artes & Design, Mauro Elízio de Almeida Filho e Maria Luiza Albuquerque redesenham o protótipo da máquina de reciclagem de papel Milênia (figura 12), idealizada pelo Prof. José Eugênio Leal, através das matérias vinculadas ao Depto. Artes & Design, que envolveu os Professores Ana Maria de Moraes, Amador Perez, Lucy Niemeyer e Cláudia Montalvão. Esse projeto tornou-se o Projeto de Conclusão de curso dos alunos envolvidos, sob a orientação e supervisão dos Professores José Abramovitz, Sidney Freitas e Gustavo Bonfim, e foi selecionado, pelo Departamento. Artes & Design, para participar da exposição, oferecida pela FIRJAN, “É Design”.



Figura 12: Redesenho da máquina Milênia 1998/1999 – Maria Luiza Albuquerque.

- **1999** • Em convívio com as crianças da Comunidade Rocinha, a aluna de graduação Mônica Correa Klein, do Depto. Artes & Design, sob a orientação dos Professores Roberto Verschleisses, José Abramovitz e Gustavo Bonfim, desenvolveu o seu projeto de produto, criando um brinquedo de reciclagem de papel, derivado do processo Milênia.
- **Julho/2002 – Dez/2002** • A aluna de graduação Roberta Maria Motta, ex-estagiária do NEAM, escolhe o projeto “Saboreando o Conto” para desenvolver a comunicação visual do grupo, como conclusão de seu PPD, sob a orientação do professor Celso Wilmer do departamento de Artes & Design.
- **Julho/2002** • Os adolescentes do NEAM foram convidados a participar do curso de “Aplicação de Uso do Bambu”, incentivados pelo professor Ripper e supervisionados pelo bolsista Marcelo Fonseca da Silva, no Laboratório Investigação em Livre Desenho-LILD (antigo LOTDP) da PUC-Rio, resultando na construção de um domo.
- **Julho/2013** • Co-orientação do trabalho de final de curso do aluno Davison Coutinho, do departamento de Artes & Design, cujo título é o livro “Um Olhar sobre a Produção Cultural na Rocinha” (figura 13).

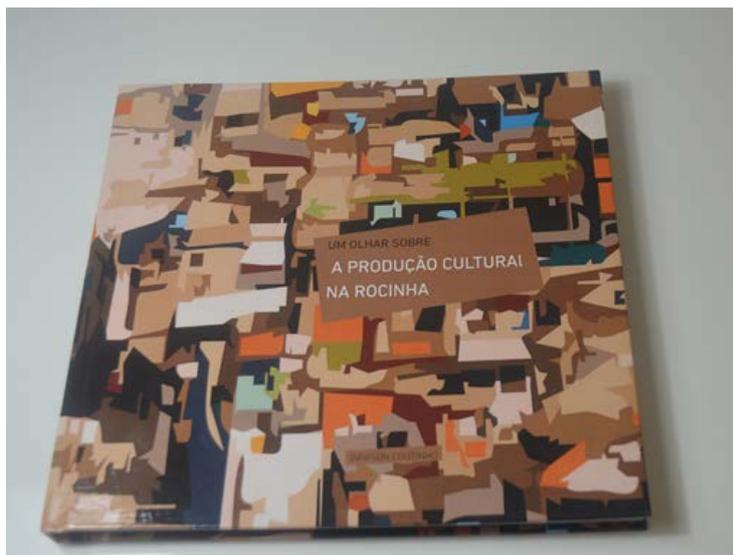


Figura 13: Lançamento do livro Um Olhar Sobre A produção Cultural na Rocinha. (Foto: Elaborado pelo autor).

- 2014.1 – As alunas de graduação, Júlia Albuquerque e Mariana Faro, desenvolvem, junto ao NEAM, o livro “Almanaque do Papeleiro” para disciplina DSG1002, sob orientação do professor Celso Wilmer.
- 2016.1 – O jovem, ex-aluno e funcionário do NEAM, Davison Coutinho, defendeu a dissertação de mestrado “Design, Cultura Material, Artesanato e Memória no Museu de Favela do Rio de Janeiro”, com orientação do Prof. Nilton Gamba Junior.

Na formação do jovem do NEAM são componentes essenciais o acolhimento, simbolizado na casa que oferece espaço de desenvolvimento pessoal, respeito à diversidade e compromisso com a responsabilidade social. E a sustentação dessa casa se dá pela convivência solidária e realização social e profissional (figura 14).



Figura 14: Componentes Essenciais do NEAM. (Elaborado pelo autor).

São vários os estilos e modos de viver escolhidos durante o trajeto vital: ora voltado para o prazer, para o prestígio social, para o bem-estar dos outros, da família, satisfação profissional, cada um reflete o que representa na vida das conquistas, frustrações, metas e aspirações.

O que conta no passar do tempo é a razão dada ao viver, às atividades e interesses assumidos, o afeto humano investido e a qualidade de vida alcançada. Pode parecer que, de repente, tudo muda, mas de fato, a pessoa é a mesma, pois cada um tem um padrão predominante de comportamentos, ou emoção, seja de raiva, amor ou medo, que dominam suas ações.

Numa retrospectiva do passado, verifica-se que somos os mesmos desde criança, adolescentes, adultos ou velhos, alguns mais passivos e resignados, sendo que as influências marcantes atuam sempre. Assim, as pessoas dependentes custarão mais a se tornarem-se independentes, frustradas e insatisfeitas. Sem dúvida, há aqueles que possuem o dom da alegria, sentem-se felizes, apesar das intempéries de vida, outras possuem o dom do prazer que extraem das coisas de vida, são criativas e sabem usar a mágica poética do seu viver. As perdas, a solidão e a tristeza levam à necessidade de uma introspecção espiritual para lembrarmos que somos privilegiados na vida da busca do saber, só Deus para nos dar a dimensão do realizar.

Como certificar que diferentes atividades de transformação, independente da escolha de materiais e da tipificação de objetos podem gerar um competidor na

competição do objeto e do alvo em sua gênese? As soluções do LILD passam a ser a própria materialidade das explicações dos mais diferentes domínios do conhecimento, podendo até perpassar possíveis falhas e transformá-las em acertos como consequência;

2.5

O LILD e a Parceria com o NEAM

O compromisso com o conhecimento do desenvolvimento social permite perceber o esforço comunitário do NEAM, da PUC-Rio e da própria Rocinha. Constata-se no Laboratório de Investigação em Livre Desenho o sentimento de que as ações do outro perpassam, inter e intra pessoas, o que é de fundamental importância à universidade e às comunidades onde a produção e o difundir contribui em mudanças cada vez mais perceptíveis e significativas.

Com o desenrolar das atividades, a motivação cresce e com ela a superação e a satisfação da descoberta, promovendo a concretização mais criativa e com personalidade, aliada ao compromisso social, com a condição de seus problemas. O desenvolvimento e estimulação no meio acadêmico do LILD ultrapassa o cotidiano para afetar as diferentes vidas.

Sem qualquer dúvida, é observada a promoção de mudanças significativas atreladas ao comportamento social. No Laboratório de Investigação em Livre Desenho, o trabalho é levado a passos multiplicativos de transformação, reforçando a convivência com a realidade na qual a pluralidade aparece como um rearticular e reorganizador de um saber, podendo haver contradições, conflitos e incertezas tecedoras da própria vivência.

Um grande desafio será o de conviver de forma harmoniosa, onde as complexidades dão a invenção e a reinvenção de objetos com novos significados e com novas potencialidades humanas, justas e que podemos chamar LILDECAS.

É atual entender que o mundo mudou, se acelerou. A sociedade exige a luta e o esforço para cada vez mais obter uma visão do contexto. Quando consideramos tal conjunto de ações com enfrentamento da cidadania, nos damos conta da ética dos homens atuais, da ética da cidadania.

A partir da pesquisa no Laboratório de Investigação em Livre Desenho, os adolescentes começaram a entender o valor que representa as construções

geodésicas (estudo de formas e dimensões desenvolvidas por Buckminster Fuller) no mundo. A esse respeito, os alunos construíram a maquete do LILD em formas geodésicas (figura 15). Começa-se a trabalhar com o barro, sisal, e fibras naturais que ali são utilizados. O processo de construção iniciou-se com o Domo “a casa do João de Barro” no contexto geodésico - a primeira experiência dos encontros com tais figuras geodésicas no LILD, onde o caminhar entre as novidades e as experiências se fazem presentes como um grande colaborador no desenvolvimento da Arte e do Design Social, como parte principal da pesquisa.

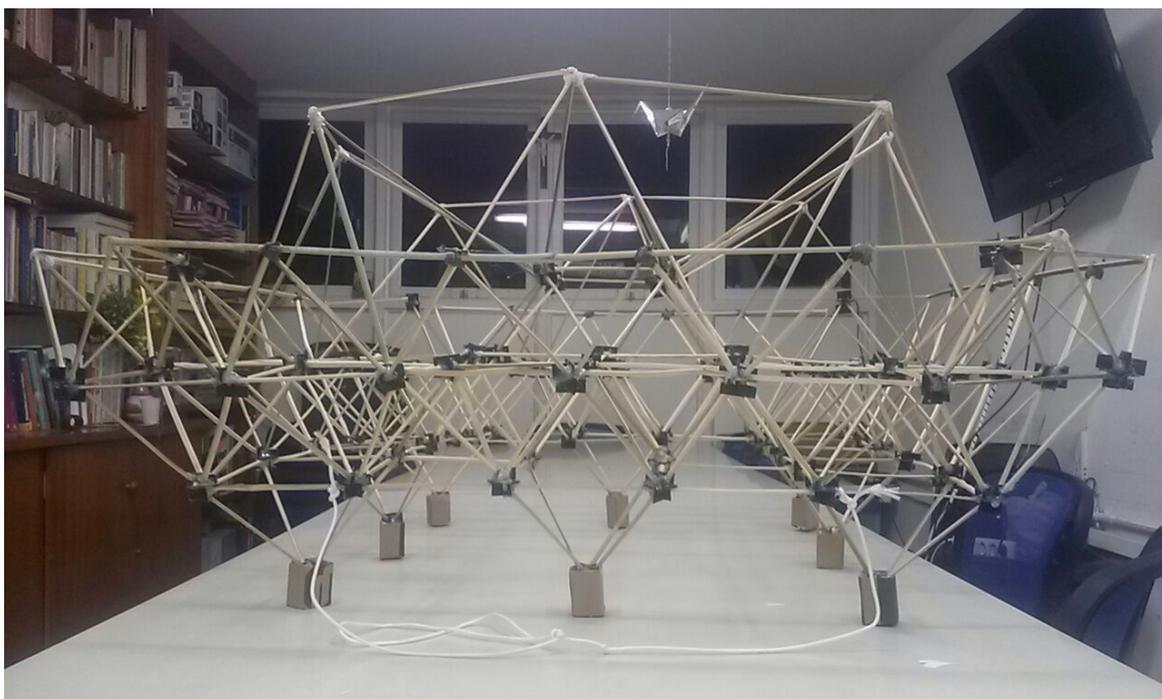


Figura 15: Maquete do LILD desenvolvida pelos jovens com supervisão do instrutor Fernando Matos. (Foto: Elaborado pelo autor).

Neste momento, a busca de conhecimento através do saber técnico, foi encontrando a vivência de alguns alunos com as próprias inovações que se apresentavam ali, sob a orientação do Prof. Ripper e da pesquisadora Marina Moreira, quando da estruturação dos módulos de várias formas geodésicas que o Laboratório possui.

Os adolescentes do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor, agora com mais conhecimento, como parte do desenvolvimento, cortaram o bambu no Campus da universidade e, assim, construíram a réplica do Laboratório de Investigação em Livre Desenho. Percebeu-se, um maior entendimento quanto ao espaço que ocupavam e se encontravam todos os dias. Sendo assim, foi projetada

a construção do “Domo Mãe”, símbolo das formas geodésicas e do bambu na universidade. Deste modo, foi necessário buscar o bambu apropriado para o trabalho, o que facilitou a construção da réplica com este material. Nesta ação, percebeu-se a inexistência de uma maquete nesse tamanho.

A identificação do tamanho de cada peça de ferro foi sendo percebida na construção do “Domo LILD Geodésico”, na leitura geométrica com fotos e constatação in loco para o real entendimento da montagem de uma estrutura na simetria igual, em cada ponto buscado. A percepção de 2,35 centímetros foi mostrada em cada ferro da montagem do LILD. Já, na réplica da construção do Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD) montada reduzidamente, os adolescentes cortaram e lixaram o bambu, em que cada “varinha” tem 15,5 cm x 0,5 mm x 0,4 mm. Tais medidas serviram para a construção da estrutura base, desde o primeiro andar, até o segundo. No andar que faz a base da cobertura do Laboratório, o tamanho do bambu tem 36 cm e 34 cm.

Cabe ressaltar que a sua montagem foi feita a partir de triângulos com 12 “varinhas” de bambu, com a configuração geométrica e formou-se a congruência dos mesmos quando a base do suporte, com oito suportes triangulares em volta, foi montada na criação. Não obstante, nos dois andares, a formação da estrutura do LILD é igual; apenas, tem variações nas colocações triangulares. No topo, contém 12 varinhas de 36 cm X 1 cm e a sua volta tem 8 varinhas de 34 cm X 1 cm, perfazendo um total de 350 varinhas para estruturação do LILD e sendo tudo reproduzido numa escala de 1:300.

Com a construção da maquete, os alunos do NEAM expressaram de forma simbólica tudo que receberam de aprendizado nas pesquisas LILD-NEAM, no laboratório que tem implicação dentro do Design Participativo, diversificado nos objetos geodésicos e nas individualidades que atuam nos estudos técnicos-científicos do LILD/ Universidade.

Tal experiência se deu através da troca e associação do conhecimento no que tange as entrevistas, as observações, as conclusões e as avaliações, onde foram utilizados os procedimentos: observação e análise da relação entre a Comunidade e o Saber Acadêmico, no tocante à troca de informação e influência do Design como instrumento de formação do multiplicador que o Laboratório de Investigação em Livre Desenho oferece bem como entrevistas junto às pessoas que produziram sob a égide do LILD.

O LILD tem movimentos que interagem diferentes seres. Sempre que observamos os objetos presentes na utilização de uso, abstraímos o produto final, tornando-o invisível e registrando apenas movimentos com precisão.

No mundo ativo, resistente, tudo se direciona pela força humana e requer no homem uma consciência do potencial por ser perfil dominante. A imagem a seguir demonstra o conteúdo como nó fúl, sobre o bambu caracterizando a força humana em arte, muna relação viva, corpórea e dinâmica

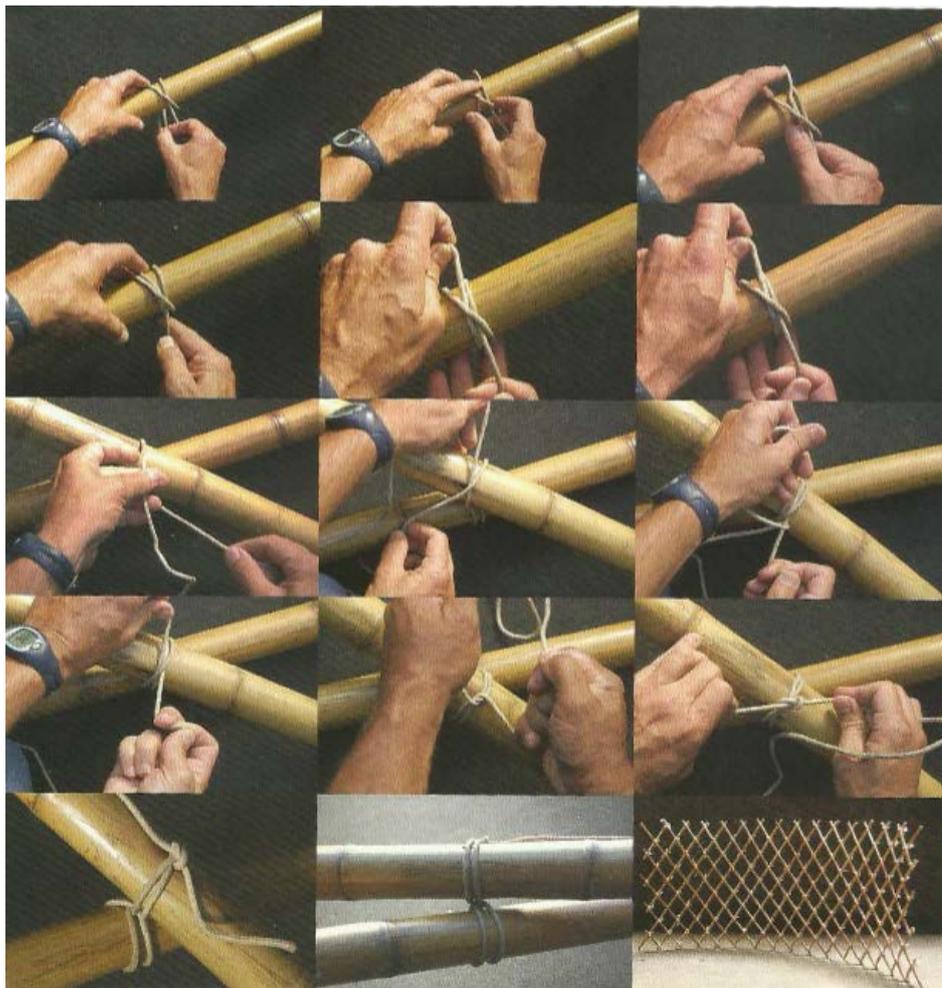


Figura 16: O gesto com corda e nós em “X”, desenvolvido pelas mãos comprometidas com um mundo resistente, cuja transformação se dá pela força humana. (Foto: Livro Jogos das Formas, 2014).

Numa analogia sobre o uso das mãos (figura 16), poder-se-ia dizer que durante alguns longos anos, o NEAM atribui às mãos o serviço de pedir, prometer, chamar, suplicar, incentivar, exigir, acariciar, criar, interrogar, admirar, confessar, calcular, comandar, compreender, incitar, teimar, encorajar, amar, esperar, absolver, perdoar, desafiar, aplaudir, reger, benzer, trabalhar, reconciliar, exaltar, construir e escrever. As mãos estão para o NEAM assim como seria para

o herói que pode empunhar sua espada; o carrasco, a força; o bom; o amparo; o justo, a justiça; e aos amantes, a carícia: num beijo ou numa pedra; se numa esmola ou numa baioneta.

Muitas vezes, temos que não ver e, com as mãos, vedamos os olhos, e, ao abri-los, o melhor surge. Na arte, as mãos constroem e, para os médicos, confortam. O aperto de mãos significa mais do que uma confissão. Tanto o Laboratório de Investigação em Livre Desenho quanto o Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor tem como ferramenta fundamental o olhar e a dinâmica do ser. Ambos se desenvolvem através das mãos que, ao longo do tempo, dignificam os jovens e indicam metas de realização, análise e avaliação, através da observação e reconhecimento múltiplo da produção.

Vale ressaltar que evidências se destacam como vistas ao respeito às individualidades e peculiaridades dos membros da comunidade e são atitudes abertas para novas experiências, o que nos faz concluir que o diálogo consistente e direto, por meio de entrevistas e discussões em grupos, permite a troca de ideias e opiniões, nas quais se percebe a configuração nítida dos objetivos e limites dos trabalhos no LILD, delineando assim, o conjunto das metas prioritárias por meio de análise e avaliação, onde a discussão de novas alternativas de trabalho, além dos pontos positivos e negativos do trabalho realizado, são constatadas.

Fica nítida, então, a citação de Japiassu (1967): “A utilização da interdisciplinaridade numa expressão dotada de diversas acepções é utilizada para designar diferentes situações de inter-relação entre duas ou mais disciplinas”. O termo estável trata-se de um neologismo cuja significação nem sempre é compreendida da mesma forma por diferentes pessoas.

Neste sentido, a produção do conhecimento interdisciplinar, integrando o saber científica ao saber popular, está ligada à problemática da legitimação: como provar a prova? Quem decide sobre o que é verdadeiro? A resposta a estas perguntas, sem dúvida, trará uma renovação na relação teórico-prática. Podemos, ainda, distinguir duas grandes versões do relato da legitimação, uma mais política e outra mais filosófica. A primeira tem por sujeito a humanidade, como herói de liberdade, e a segunda, tem o sujeito como herói do conhecimento. Constata-se assim a legitimação como um dos princípios básicos na parceria NEAM/LILD.

2.6

O NEAM e a Comunidade da Rocinha



Figura 17: Comunidade da Rocinha. (Foto: Reprodução).

A figura 17 ilustra uma visão da comunidade da Rocinha. Segundo Silva e Barbosa (2005), as primeiras favelas do Rio de Janeiro datam da virada do século XIX para o XX, sendo o marco inaugural o morro da Providência, onde surgiu o “Morro da Favella”. O ano de 1897 é reconhecido como o início da ocupação dos morros cariocas, definindo a imagem que as comunidades passam a ter no Rio de Janeiro - a ocupação das encostas.

O nome Favela tem origem na guerra de Canudos, ocorrida no interior da Bahia entre 1896 e 1897. Com o término da guerra, os soldados aguardavam o prêmio pelo triunfo e vitória na guerra, mas logo ficariam sem teto. Assim, uma tropa se instalou em um morro no Rio de Janeiro. A elevação do morro fez com que os soldados lembrassem do lugar da posição que ocupava para enfrentar o Beato Antônio Conselheiro durante a guerra no interior da Bahia. Tal posição tinha o nome de *favella*, designação da planta *Cnidocolus quercifolius* que era bastante comum nessa localidade (Athayde; Meirelles, 2014, p. 39). Desta forma, o morro do Rio passou a se chamar Favela.

O surgimento da favela da Rocinha foi em 1930, com os primeiros barracos e lavouras. Seu maior crescimento deu-se entre as décadas de 1970 e 1980, transformando-a em uma das maiores favelas do Brasil.

Em 1938, a Estrada da Gávea foi asfaltada, facilitando o acesso aos moradores. Na década de 1940, acelerou-se o processo de ocupação por pessoas oriundas de diversos locais que acreditavam em terras públicas.

A partir da década de 1950, houve um aumento de migração de nordestinos para o Rio de Janeiro, direcionando-se em parte para Rocinha. Segundo histórias contadas através de livros e depoimentos de moradores antigos, os primeiros moradores da comunidade viviam basicamente da agricultura, possuíam pequenas roças e vendiam suas plantações na feira da Praça Santos Dumont, na Gávea, bairro vizinho à comunidade. Assim, surge o nome Rocinha.

Nas décadas de 1960 e 1970, registrou-se um novo surto de expansão, devido a abertura do túnel Rebouças e Dois Irmãos que contribuíram para uma maior oferta de empregos para os moradores.

Na década de 1980 surgiram as escolas, creches e centros comunitários e foi implantado o Centro de Saúde e o núcleo da Cedae

Em 1995, a Rocinha foi transformada em bairro e, a partir daí, grandes investimentos e empreendimentos começam a compor esse universo da favela. O poder público, junto aos demais serviços instalados, ofereceu à população diversos serviços de assistência, cursos, atendimento médico e atendimento jurídico. Em 1995, conquistou sua própria Região Administrativa.

Com relação à quantidade de moradores, os moradores discordam dos dados revelados pelo Censo (2010) do IBGE que afirma que a favela possui 69.161 habitantes. Para os moradores e instituições locais, o número de moradores é de 180 a 200 mil.

A parceria do NEAM/PUC-Rio com a Rocinha iniciou-se em 1982, por meio do Centro Comunitário União Faz a Força da Rocinha, em contato com a líder comunitária Prof^o Francisca Elisia Pirozi. Desde então, muitos jovens foram encaminhados para diferentes cursos na Universidade, além de projetos de formação, desenvolvidos pela parceria Universidade e Comunidade. A figura 18 apresenta a relação da Universidade-Comunidade.



Figura 18: A relação Comunidade e Universidade. (Composição: Davison Coutinho).

Os adolescentes que participam da pesquisa em questão são alunos do ensino médio de diferentes escolas do Rio de Janeiro. Foram selecionados para fazerem parte deste projeto, com a intenção de aproveitarem os ensinamentos, desenvolverem práticas multidisciplinares e verem como podem ter como incentivo suas escolhas acadêmicas futuras, uma vez, que se encontram na Universidade. A média de idade desses alunos é de 14 a 17 anos, oriundos da Rocinha e outras comunidades parceiras.

Segundo o IBGE (1999), a população jovem é considerada como aquela que está entre 15 e 24 anos de idade, dividida em três grupos etários: de 15 a 17 anos; de 18 a 19 anos; e de 20 a 24. Segundo o Instituto de pesquisa, algumas características determinam a escolha por este intervalo de idade. Considerando o aspecto educacional, o primeiro grupo, que é o mais relevante para esta investigação, é o potencial concluinte do ensino fundamental e que, já, possui condições de ingressar no mercado, graças à legislação vigente.

O NEAM fortaleceu, em 2016, a trajetória de oportunidades com os jovens que ali perpassaram: suas ansiedades, seus desejos e conseqüentemente suas conquistas. Foi o corolário da força motriz da universidade que despertou nos adolescentes a vontade de ir em frente com propriedade. O Programa Jovem

Aprendiz se consolidou com a contratação de 45 aprendizes, distribuídos em diversos departamentos e com a efetivação de 12 jovens, novos funcionários da PUC-Rio. O Programa Jovem NEAM atendeu 30 alunos, participando das atividades programadas: Oficina de reciclagem de papel, oficina de arte-educação, apoio escolar, oficina de teatro, oficina de leitura, visitas culturais, estágios tecnológicos, formação em audiovisual e catequese. A parceria com a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa possibilitou 320 bolsas integrais de inglês, distribuídas aos jovens de comunidades, funcionários e alunos bolsistas do Programa Universidade para Todos (PROUNI). O Programa Iniciando Habilidades e Competências ofereceu em parceria com o Rio Data Centro/PUC-Rio e Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo-(SESCOOP)-RJ diferentes cursos a 537 jovens. O voluntariado se apresentou e foi desenvolvido um programa por meio de atividades interdisciplinares focadas nas disciplinas escolares, realizada em parceria com a Cátedra e Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio. Esse programa culminou com uma apresentação de uma peça na comunidade da Rocinha. O NEAM atendeu diretamente 1437 jovens e adultos. A tradicional visita à Aparecida do Norte, amavelmente congrega os jovens a aprofundarem a espiritualidade na consagração ao Sagrado.

Com o intuito de utilizar os processos projetuais do Design para identificar questões Complexas e criar soluções que gerem oportunidades de desenvolvimento sociocultural, principalmente por meio da formação do alunocidadão, buscou-se jovens de comunidades de baixa renda, que são considerados indivíduos em situações vulneráveis.

Diante da necessidade de relacionar o ambiente universitário como fonte de experiências que sustente a atitude transformadora do jovem na sua vida e na sua comunidade, este estudo restringiu-se a entender como estes jovens, frequentadores da PUC-Rio, podem aplicar suas vivências na instituição, como algo positivo no seu dia a dia. Portanto, a PUC-Rio é a representante do ambiente universitário citado, admitindo que não necessariamente, represente as mesmas características e oportunidades de todos os ambientes universitários.

3

Registro de uma Memória

O fortalecimento da experiência relatada nesta pesquisa requer a preservação de sua memória. Nesse sentido, aqui são analisadas reflexões de estudiosos da memória que podem contribuir para ressaltar sua relevância, na consolidação desta experiência coletiva e participativa de um design social.

3.1

Design – Memória

Em nosso pensamento, na realidade, cruzam-se, a cada momento, ou em cada período de seu desenvolvimento, muitas correntes que vão de uma consciência a outra, e das quais ele é o lugar de encontro. Sem dúvida, a continuidade aparente daquilo que chamamos nossa vida interior resulta em parte de que ela segue, por algum tempo, o curso de uma dessas correntes. (Halbwachs, 1990, p. 99 a 100).

Há coisas que só a inteligência é capaz de procurar, mas que por si mesma nunca achará. E essas coisas só o instinto as acharia, mas nunca as procura (Bergson, 1896).

Todos os homens são designers. Tudo o que fazemos, quase todo o tempo, é design, pois o design é básico para toda a atividade humana. O planejamento e padronização de qualquer ato em direção a um fim desejado e previsível constitui o processo de projeto. (...) " (Papanek, 1985, p. 9).

A memória — a capacidade de adquirir e armazenar informações tão simples quanto os detalhes da vida cotidiana e tão complexa quanto o conhecimento abstrato da geografia ou da álgebra — é um dos aspectos mais notáveis do comportamento humano. A memória nos possibilita resolver os problemas com que nos defrontamos na vida diária, evocando diversos fatos ao mesmo tempo, uma capacidade que é vital para a solução de problemas. Num sentido mais amplo, a memória proporciona continuidade às nossas vidas. Kandel (2006, p. 24).

Em suas palavras, as Ciências Humanas “aderiram ao universo do pensamento axiomático, calcado na lógica matemática, substituindo progressivamente o mundo da realidade humana, chegando mesmo a abolir a própria distinção entre pessoas e coisas” (Jobim e Souza, 1994, p. 20).

A linguagem e apenas a vigia da angústia..., mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o

compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior. (Pollak, 1992, p. 57).

Em nossa sociedade atual: emergente, plural, complexa e contraditória convivemos com desregulamentação institucional e a banalização da vida, além do fenômeno da efemeridade, da não-duração das coisas, da massificação da subjetividade, dos espaços vazios e dos não-lugares que provocam seres chamados estranhos” (Novaes, 2003 p. 13).

Assim trata-se de uma relação em um tripé da Memória, LILD e Design Social. Também se faz o uso do registro de entrevistas realizadas com jovens do NEAM.

3.2

Memória Individual e Coletiva

Na sequência dos conceitos desenvolvidos por Bergson (1896), em “*Matière et Mémoire*”, no capítulo X, e das suas alusões ao espiritual e ao corporal, como forma de análise do indivíduo, “A memória exprime a ligação do nosso espírito ao nosso corpo e do nosso corpo com o mundo social e natural que nos rodeia” (Fentress; Wickham, 1992, p. 57). Assim, a “Memória Individual” converte-se em “Memória Social” através da partilha de lembranças com os outros, num contexto específico, de um determinado grupo social (em que estamos inseridos no momento), quer este grupo seja estruturado e duradouro quer seja informal e temporário. Efetivamente, o que vamos partilhar é relevante para os sujeitos.

Nesse sentido, Bergson enfatiza que “Com efeito, a experiência passada recordada e as imagens partilhadas do passado histórico são tipos de recordações que têm particular importância para a constituição de grupos sociais no presente” (2010, p. 41). Logo, em sua visão, este tipo de partilhas, de memórias, fortalece a relação dos grupos.

3.3

Memória Coletiva

Halbwachs (1968), na sua obra mais emblemática, “*La Mémoire Collective*”, inicia o seu discurso abordando a Memória Coletiva e a Memória Individual, concluindo que antes da Memória Coletiva existe uma Memória

Individual. Esta, agregada a outras memórias individuais, através da partilha das memórias de cada um com o seu grupo, sobrevive em casos específicos, em um momento e contexto cultural próprio. É, então, devido à pertinência do tema em causa no grupo social que ocorre a formação da Memória Coletiva. O autor enfatiza que a Memória Coletiva é unicamente recordada através dos elementos de um grupo, ele afirma que embora seja o indivíduo quem relembre, ele é um membro de um grupo social e a força da lembrança está no grupo. Suas palavras deixam entender uma ênfase à valorização do coletivo sobre o individual, pois:

Se a memória coletiva obtém a sua força e duração ao apoiar-se num conjunto de homens, são os indivíduos os que a recordam, como membros do grupo. Desta mistura de recordações comuns, que se baseiam umas nas outras, nem todas terão a mesma intensidade em cada um deles. Deve-se referir que cada Memória Individual é um ponto de vista sobre a Memória Coletiva, e que este ponto de vista muda segundo o lugar que ocupa nela, e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantêm com os outros contextos. (Halbwachs. 2006, p. 50)

Portanto, esta visão subentende uma sujeição das Memórias Individuais aos padrões coletivos, visto que, em última análise, o que recordamos, enquanto indivíduos, é sempre condicionado pelo fato de pertencermos a um grupo. A memória individual, segundo Halbwachs (2006), torna-se, por consequência, por si só mais difícil de ser alvo de recordação dos sujeitos. Os momentos que só a nós próprios nos incluem se devem ao fato da recordação se situar na “fronteira” de todas as “interferências coletivas” que correspondem à vida dos grupos, situando-se na interseção de diversas correntes do “pensamento coletivo” (Halbwachs, 2006, p.12). Desta forma, enquanto exista uma estreita relação entre a Memória Individual e a Memória Coletiva, as diferenças entre ambas são bem explícitas, conforme ressalta Halbwachs:

Embora a memória individual se possa apoiar na memória coletiva, situar-se nela e confundir-se momentaneamente com ela para confirmar determinadas recordações, precisá-las, e inclusivamente para completar algumas lacunas, nem por isso a memória coletiva segue menos o seu próprio caminho, e toda esta aportação exterior é assimilada e incorporada progressivamente a sua substância. A memória colectiva, por outro lado, envolve as memórias individuais, mas não se deixa confundir com elas. Evolui segundo as suas leis, e embora algumas recordações individuais penetrem às vezes nela, mudam de face quando voltam a colocar-se num conjunto que já não é uma consciência própria (Halbwachs, 1968, p. 54).

3.4

Memória Individual

Ao tratar da memória individual, Halbwachs (2013) esclarece:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (Halbwachs, 2013, p. 72).

Nesta perspectiva, a memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes. Isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva. Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não será possível ao indivíduo recordar lembranças de um grupo com os quais suas lembranças não se identificam. Ao mesmo tempo, “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual” (Halbwachs, 2006, p. 42), o que permite a reconstituição do passado de forma que haja particularidades nas lembranças de cada um. Isso significa que, mesmo fazendo parte de um grupo, o indivíduo não se descaracteriza e consegue distinguir o seu próprio passado.

Na visão de Jobim e Souza (2013), para Halbwachs a história individual é uma parte que compõe a memória coletiva de uma época. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e cada ponto de vista muda de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa no campo social e nas relações que mantêm com outros ambientes.

Para Halbwachs (2006), as lembranças revelam a convivência com o outro, e em qualquer experiência, mesmo que isolada e em solidão, o indivíduo está em contato com as diversas instituições sociais às quais pertence. A memória pertence então a um grupo. O indivíduo transporta a lembrança, individualmente em si, mas está constantemente se relacionando com a sociedade, pois “nossas lembranças permanecem coletivas e não são lembradas por outros, ainda que se

trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (Halbwachs, 2006, p. 30).

Halbwachs (2006) afirma que não é o indivíduo ou alguma entidade social que recorda, para recordar é preciso estar em sociedade, recorrendo aos outros para construir a sua memória. Para o autor, a ajuda do outro permite reviver aquela recordação com maior intensidade. O olhar para o próprio passado com o auxílio do outro é o que torna as lembranças coletivas. A memória é coletiva, nossas lembranças são gravadas e recordadas coletivamente. De acordo com Halbwachs (2006):

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2006, p. 39).

Certo é que memória individual e memória coletiva coexistem, cada uma com a sua proporção no pensamento e na vivência dos sujeitos, em situação de interação, como os que discuto na presente pesquisa. Elas, muitas vezes, sem serem perceptíveis, alicerçam e sustentam os seus trabalhos. Configura-se assim como impossível a dissociação do sujeito tanto de seu mundo interior quanto do mundo exterior que o rodeia, uma vez que os sujeitos são indivíduos que atuam junto a grupos de indivíduos, pertencentes à sociedade.

3.5

Memória Herdada

Halbwachs (2006) ressalta que é difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Em sua perspectiva, não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social.

Tal afirmação nos leva ao fato de que é justamente do grupo familiar que tais impressões se transformam em lembranças sociais. Isso, considerando que as

noções adquiridas no contexto familiar, por sua vez, participarão da construção do sentido do tempo para a História, essência do saber histórico, relação que envolve pensar o passado e sua relação com o presente.

Em acordo com o ponto de vista de Halbwachs (2006), e tomando como parâmetro os princípios unificadores da memória social, podemos dizer que a memória se dá, em última instância, a partir das lembranças das pessoas, porém, sobrevive ou não nos grupos sociais onde é construída a partir das experiências passadas, em função do presente, relacionando-se à sociedade e à cultura, num processo que perpassa a “interação, a comunicação e a consideração sobre interesses e sentimentos”.

Em qualquer contato as frases revelam aspectos constitutivos de memórias de pessoas que aparecem sobre elas, Halbwachs (2006, p. 30) aponta que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outro, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. Quando, em um simples exemplo “minha avó, meu avô, diziam, vamos verificar as referências em um passado participando da construção das nossas memórias, coletivas e histórias”.

Halbwachs (2006) ressalta que na construção da memória há a menção a elementos estéticos, intelectuais, comportamentais, lúdicos, afetivos, subjetivos, como constituintes das memórias pessoais.

Desse modo, por exemplo, a menção à estética aparece em frases como “eu era tão pequeno e hoje estou grande” ou “tudo era diferente em mim”. Ao intelecto, nas afirmações ‘eu era muito esperta’ ou ‘eu já era muito esperto’. Ao comportamento, nas afirmações “eu era muita bagunceiro” ou “que eu era muito magro”. A afetividade, que aparece na frase “eu gostava de ir muito na sua casa”. Por fim, a relação subjetiva com o tempo nas afirmativas “eu era bem novinha” ou “era um tempo passado”.

Para Pollak (1992), a memória também passa por uma herança, que se concretiza ao juntarmos todos os acontecimentos vividos, uma vez que assim podemos assumir a existência de uma regionalidade de acontecimentos que nos marcam tanto a um grupo quanto a uma região, transformando a memória herdada. Para o autor, as lembranças e memórias, muitas vezes herdadas por uma

transferência, são coisas mutáveis. Elas sempre se reconfiguram, a partir das experiências ao longo de nossas vivências.

Exemplificando, professores observam uma multiplicidade de dados e elementos que se interagem e acabam constituindo a memória individual, coletiva e histórica de alunos que, em geral, são considerados, na sala de aula, apenas como sujeitos que se definem por sua situação presente, de idade escolar. É comum não ocorrer a observação de que a constituição da relação do pensamento passado/presente nos alunos está entremeada por situações vividas, ou transmitidas, por aqueles que os circundam, como pais e avós. Nessas situações e memórias transmitidas, estão implícitas questões sociais, econômicas e culturais, transformações tecnológicas e costumes. Assim sendo, a memória que os alunos têm sobre o passado, participa da constituição de seu presente. Frases como “era muito mais difícil” ou “era muito sofrido”, evidenciam a memória das dificuldades vividas por pais e avós, evidenciam obstáculos para se ter acesso a algo.

Assim, as lembranças relatadas expõem condições de vida locais e destacam a premissa do espaço nas memórias dos grupos, isto é, como assinala Halbwachs (2006, p.170) “*não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial*”. Porém, também segundo Halbwachs (2006), esse contexto espacial esta articulado ao pertencimento no grupo.

As referências às transformações tecnológicas nos meios de transporte, acesso à energia elétrica, meios de comunicação, aumento de possibilidades de consumo, como “não existia celular”, “não tinha TV nem videogames”, referenciam, por exemplo, os bens de tecnologia que caracterizaram uma determinada época.

Em linhas gerais, esse passado também é referenciado de maneiras diversas, revelando o que seriam, segundo Halbwachs (2006), os vários pontos de vista sobre a memória coletiva.

Dessa maneira é que, em paralelo às referências de acessibilidade e possibilidade de consumo, é possível detectar, também, frases como “era mais sossegado”, “não era perigoso” ou “não havia violência”, uma vez que, por exemplo, citadas por alunos, conotam o aumento da violência em algum setor. Ao mesmo tempo, há afirmações como “as crianças brincavam mais” ou “mais engraçado” que revelam certa nostalgia, uma visão positiva sobre esse passado.

3.6

Intergeracionalidade nos Diferentes Diálogos da Memória

As conquistas científicas do “novo cérebro” realizadas trouxeram um aporte importante para a compreensão da “memória” dos seres humanos. Como exemplo, citaríamos a descoberta da plasticidade, ou seja, das possibilidades do cérebro em responder com graus variáveis de sucesso dentro dos limites prescritos pelo repertório genético de cada um, as modificações de funcionamento provocadas por estímulos ambientais associada à capacidade do cérebro de aprender novas conexões neuronais.

Pesquisas da neurociência moderna sobre o conjunto de células gliais que colam os neurônios uns aos outros e as sinapses que, liberando o glutamato favorecem a capacidade cognitiva e acadêmica, e ainda pesquisas sobre como a sinestesia, considerada como uma espécie de “curto-circuito” entre os sentidos, propõe estímulos para manter um nível permanente de capacidade, força e flexibilidade mental e levam o assunto memória para uma outra abordagem.

Para o pesquisador Eric Kandel (2001) a memória é a própria cola que junta os eventos da vida. O neurologista Damasio (2013) afirma:

Na mente, aspectos conscientes e inconscientes estão entrelaçados e há um fluxo constante dos padrões mentais e das sequências convergentes ou divergentes fazendo com que os indivíduos possam se servir de quaisquer modalidades sensoriais.

A memória, assim como a vida, está em evolução permanente, aliás na civilização grega era entendida como “vidência” “êxtase” reveladora do passado, faculdade considerada épica e fonte do presente. O ato de lembrar e recordar implica também no de esquecer, sendo em última análise, a manifestação da competência de lidar com o mundo e o seu entorno, lembrando que o esquecimento pressupõe pleno exercício de memória.

A memória não é simplesmente reproduzida ou reiterativa, mas tem um caráter seletivo de fatos e dados que são significativos, o que leva os idosos, por exemplo, a esquecerem-se de coisas banais do seu cotidiano, mas a lembrarem-se com precisão e nitidez de situações e evocações passadas que tenham um valor sentimental. Diferencia-se assim o “lembrar” como o trazer à memória, fazer

recordar ato e efeito; e a “reminiscência” como aquilo que se conserva na memória, recordação ou lembrança vaga.

As formas de lembrar podem estar ligadas à associação no tempo e espaço, na ordenação dos eventos, à redenção do material, à hipertrofia dos detalhes e à construção de novas formas simbólicas.

A memória tem muita liberdade e espontaneidade, a imagem–lembrança traz à tona a consciência de momentos novos ou de como memória sonho corrige a possibilidade de evocar usando e a fantasia e imaginação como ingredientes coadjuvantes. Assim, no jogo da memória, há sempre a busca de uma realidade já esquecida no tempo e na idealização dessa mesma realidade que a transforma e recria constantemente (Halbwachs, 2006).

O resgate das recordações e das reminiscências facilita o mergulho na interioridade; evitando que fiquem esterilizadas, resgatando perspectivas de vida, realizações, metas, além de frustrações ou fracassos. Todos têm uma história de vida para contar e lembrar e um percurso num tempo povoado de personagens que atuam em vários cenários, pontuados por fatos e acontecimentos que vão se sucedendo.

Tais percursos, segundo a teoria do fluxo (Halbwachs, 2006), traduzem a força dessa energia psíquica que ocorre quando há uma sensação de agir sem esforço, experimentada em momentos que se destacam nas malhas da vida.

As pessoas de mais idade, com as amarras do passado servindo de lastro, mas com desejos e planos presentes, estarão preparadas para se descobrirem através das lembranças, tradições, depoimentos delineando outros interesses e razões de viver no seu horizonte vital.

Vários mecanismos psicológicos entram em cena no ato de lembrar ou de recordar, como o da associação, do simbolismo, da regressão emocional que, de modo ou outro, provocam reminiscência e descobrem vestígios daquilo que já passou, mas ficou guardado em nossa mente e armazenado pela memória.

Nesse sentido, lembranças ecoam nas paredes de um passado sempre presentes, provocadas por imagens, sentimentos e sensações fugidias de fatos, afetos e vivências em tempo e espaços diversos evocando recordações simplificadas em cada trajeto vital. Detalhes são apontados, ocorrências banais, odores, barulhos, enfim, uma gama de experiência sensorial resgatada pela memória de cada um.

A criatividade tem poder de induzir as metamorfoses desejadas, assim como a autenticidade das ações e a espiritualidade do ser humano, a fim de melhor compreender e aceitar a magia e o mistério dos acontecimentos diários, reconectando-os através da reflexão e da revelação.

Através de contrastes e contradições do mundo atual, da lógica, da incerteza, do acaso, o idoso estará sempre aberto ao inesperado e à surpresa confiante na capacidade intuitiva e visceral do saber viver e da energia criativa do ser humano.

Quanto à memória social, é hoje muito importante de ser considerada, sobretudo em grupos etários culturalmente diferenciados e que conservam ritos, tradições e costumes, respeitando a todo instante sua influência no cotidiano do viver coletivo.

3.7

Memória: Indivíduo, Coletivo, Herança no Encontro NEAM-Design

Quando se fala em comunidade, fala-se de histórias de vida e, em muitas vezes, nos depararmos com a preocupação acerca da memória herdada por uma comunidade, da fama a ela enraizada. As comunidades se mantêm em torno do “glamour” a ela associado, mesmo que para algum este glamour esteja associado a ser reduto da marginalização ou espaço pitoresco guardador do segredo daquilo que não se conhece.

A Rocinha, contexto do qual advém os jovens envolvidos no estudo de caso da presente pesquisa, desde sua formação, tem sido vista como “fábrica de marginais”, conforme afirmam os próprios políticos, já tendo sido caracterizada inclusive como um “verdadeiro inferno”. Apesar de toda essa imagem negativa, nos últimos anos, o *glamour* dessa favela, que é uma das maiores da América latina, vem sendo revelado e intensificado ainda mais com os recentes movimentos de pacificação empreendidos pelo governo.

As barreiras entre ela e o asfalto vem sendo derrubadas, porém ainda existe o preconceito por parte da sociedade que, pela negligência do governo, não entende que a favela precisa ser enxergada como parte integrada da cidade. Esse preconceito é originado pela falta de conhecimento e é alimentado pelo medo do velho mito de que todo favelado é marginal. Desconsidera-se assim que é no

improvisado que os valores culturais são desenvolvidos e é dele que surge a vivência cultural.

A Rocinha, por exemplo, é rica e fértil no que diz respeito à criação cultural. Nessas ruas, becos, e vielas, tudo vira palco para a arte. Nem mesmo a falta de infraestrutura impede que as manifestações culturais persistam, fortalecidas pelo ideal de tornar as pessoas mais felizes e capazes, oferecendo uma vida interessante e com grande responsabilidade sociocultural.

Nesta perspectiva, pode-se tornar um imenso prazer transitar na Rocinha e se deparar com os pequenos grupos de artes plásticas, dança, teatro, poesia, música, entre outro, que através da arte estão contribuindo para a formação de centenas de moradores. Crianças, jovens, adultos e idosos encontram uma nova forma de vida. A cultura consegue abrir as mentes para o novo e criar oportunidade para vencer as barreiras e enfrentar os desafios.

De acordo com Gilberto Velho (2003, p.19), a participação sociocultural do homem é requisita para sua existência: “O homem só existe através da vida sociocultural e isolá-lo desta, mesmo em termos puramente analíticos, pode deformar qualquer processo de conhecimento”.

É preciso mudar o indivíduo de dentro para fora. Já está comprovada a importância da cultura nessa transformação. Somente com ela, aliada à educação, será possível ver, de fato, uma transformação verdadeira e eficaz para um povo que viveu, por muitos anos, abandonado pelo governo e que busca, com toda coragem, uma nova vida, digna e respeitosa. Quando se muda o indivíduo através da cultura, se muda o todo, permitindo assim que ele possa ampliar sua capacidade de percepção e potencializar seus conhecimentos.

É inestimável o número de benefícios que a cultura oferece a essas pessoas. É o jovem que aprende os belos passos de uma valsa, ou ainda o que inicia com as cordas de um violino, que aprende a expressar a partir das artes plásticas e do grafite ou até mesmo da ginga da capoeira. É a mesma coisa para um idoso que aprende a viver com a renda de uma criação de artesanato ou pintura. Tão rico é esse processo pelo qual todos podem se sentir capazes, que ele lhe oferece autoconfiança, tornando-os, assim, mais seguros para exercerem outras atividades.

A Rocinha é um grande celeiro de produção no que diz respeito à criação cultural, porém, a produção cultural na comunidade muitas vezes não é

reconhecida e chancelada. Faltam apoio e reconhecimento do poder público às diversas práticas culturais existentes. Os produtores enfrentam as mais diversas dificuldades para permanecerem funcionando e promovendo o bem-estar social aos moradores. A cultura para a favela acaba sendo vista pelos governantes como última coisa a ser resolvida. O fato é que a comunidade não quer mais apenas políticas assistencialistas, a fome e a sede de hoje, são também fome e sede de Arte, Educação e Cultura. A figura 19 ilustra um momento de interação LILD-NEAM-Comunidade.

A cultura é resultado da memória individual, coletiva e herdada. Isso significa que os conceitos de memória apresentados, cirandam com a formação cultural e identitária da comunidade com o âmago do NEAM e as experiências do LILD, como tapete. É assim o tripé – Memória, LILD e NEAM, o que dá substância ao jovem oriundo da comunidade até seu contato com o meio acadêmico. A figura



Figura 19: A relação LILD-NEAM em 2015. (Foto: Elaborado pelo autor).

Valida-se assim a ideia de que o foco na violência pode ser desmistificado através desta multiplicidade de diferentes fazeres, promovidos por estas iniciativas de caráter cultural, que anulam uma possível visão individual depreciativa, transformando-a em autoestima, servindo como forma de enfrentamento do ego desta coletividade.

A cultura precisa ser refletida e valorizada na comunidade, pois, é uma valorosa estratégia para transformar o social dos moradores em diversos campos: geração de emprego e renda; criação de novas áreas, impacto nas atividades econômicas. Na área social, a cultura tem o papel fundamental que é de qualificar o potencial humano; melhorar a autoestima; incentivar as trocas sociais e culturais; estimular a cidadania, além de corroborar com os laços de identidade e cooperação e amenizar os estereótipos e preconceitos sofridos pelos moradores – O Design interfere, assim, na cultura e na comunidade.

Muitas vezes, percebemos que o jovem na comunidade se relaciona com a questão da criança e do adolescente. São jovens que foram se tornando agentes de uma ação multiplicadora de um novo comportamento, frente à questão cultural, ao mesmo tempo em que interferiram na vida da comunidade. A produção cultural é um recurso fundamental para a organização do sistema social de uma comunidade, como no caso da Rocinha, onde a cultura é um dos fatores preponderantes para a transformação sociocultural da comunidade que passa por novos tempos. A figura 26 ilustra um momento em que a mão de um jovem recicla o papel para a produção de diferentes artefatos.



Figura 20: A mão de um jovem na Oficina de Reciclagem de Papel do NEAM. (Foto: Acervo NEAM/PUC-Rio).

Entendemos então que ter clareza acerca das memórias individuais, coletivas e herdadas é vital para o designer como profissional-cidadão, ter sustentação para levar em conta a legitimação dos contextos de que participa, oferecendo visibilidade e validando a importância da cultura na transformação do ser humano. Daí o designer estar intrinsecamente ligado ao desenvolvimento sociocultural de cada indivíduo.

4

Campo de atuação

A vivência dos alunos do NEAM no contexto da parceria NEAM-LILD-Comunidade se constitui, concretamente, no objeto desta pesquisa, na medida em que ao se constatar o processo de interação entre os diversos atores, a intensidade e o compromisso de suas múltiplas ações e realizações, captamos a essência do que se espera alcançar como sucesso de um desafio acadêmico, afetivo, social, moral e cultural.

4.1

A Produção do Conhecimento Interdisciplinar

O nosso ponto de observação mais cuidadoso é a constatação da existência de diferenças marcantes entre espaços acadêmico e comunitário. Desta forma, sem querermos aplinar a tensão resultante das mesmas, investimos na aceitação e reconhecimento do conflito como forma de possibilitar uma escuta mais sensível dos processos sociais e psicológicos, que atendessem os dois universos.

É a linguagem do outro e sua indexalidade que se deve aprender a falar, a fim de poder encontrar o fio dos desejos, como afirmou Ardoino, colocando a nu a riqueza das mediações reais e simbólicas, configurada através dos obstáculos e dos paradoxos existentes (Novaes, 1991).

Esta postura nos permite, através de uma ação interdisciplinar, realizar uma tentativa de fuga da esgotada neutralidade científica em direção a um enlace mais radical com o trabalho de educação. Entendemos, com isso, que as várias áreas produzem diferentes escutas. E é justamente na dimensão da diferença que se encontra síntese - provisória, uma vez que proporciona fôlego para mais debates que são revertidos na ação da pedagógica. Configura-se nesse trabalho, portanto, um grupo sociocultural que não o da Universidade, e um outro grupo de trabalho (com relação às diferentes disciplinas do próprio Projeto), o que possibilita um enriquecimento do conhecimento em toda sua amplitude. A educação, no sentido de aquisição de conhecimento e experiência, é proposta como uma via de mão-dupla. Aqui deparamo-nos, abertamente, com o fenômeno

da contratransferência, já não como um móvel (causa variável) estranho ao saber, mas como integrado no próprio processo cognitivo.

Evidentemente, um enfoque psicológico do processo educativo e da interação social em pauta neste Projeto, bem como a interpretação das percepções do meio ambiente, em especial do lixo, nesse grupo de adolescentes de 14 a 17 anos, provindos de uma comunidade de Baixa Renda, viabilizaram o cotejo de representações simbólicas, subjetivas, de significados sociais, sempre presentes.

O exercício da interdisciplinaridade é fundamental para o andamento do Projeto. Nesta perspectiva, várias escutas, os diferentes olhares subsidiam os professores de referenciais diversos aos seus próprios, enriquecendo e reestruturando a diretriz de cada disciplina. Justificando nossa posição, de acordo com o pensamento de Devereux (in Novaes, 1991), podemos reafirmar, aqui, que o que em matéria de método se aplica a uma ciência é um tecido complexo de variáveis biológicas, psicológicas, econômicas, históricas, sociais e culturais. Aqui, mais uma vez, se configura o indivíduo como se fora um corpo geométrico com várias fases, cada uma bem complexa e particular, mas todas integrantes de uma estrutura comum. Assim, o exercício inicial da multidisciplinaridade tem como resultado um comportamento interdisciplinar e contra transferencial.

Integrantes do grupo da Universidade, os professores, acostumados a trabalhar como referencial LILD-Universidade-Academia, se viram incomodados em suas expectativas iniciais de interpretar e perceber a si próprios e ao outro grupo (Rocinha). Gostaria de pontuar esta etapa com um personagem que alia a Devereux a visão crítica e reflexiva, possibilitando a integração de projetos sociais, culturais e educativos, convivendo com a ambiguidade constante em busca de possíveis caminhos.

Só ajuda alguém a crescer aquele que se propõe a crescer junto; só ensina alguma coisa aquele que está aberto para aprender e descobrir; só educa verdadeiramente quem vê diante de si uma trajetória de realização criativa, buscando sempre se renovar, demonstrando o seu profundo respeito pelo outro e pela própria vida (Novaes, M.H.,1991).

A grande ajuda de Devereux ao nosso Projeto foi nos tornar mais sensíveis aos fenômenos da contratransferência ao nosso objeto de estudo. Coube à interdisciplinaridade instigar os nossos jovens adolescentes ao prazer em obter conhecimento, sem deixar de nos atrair pelo desejo que estes jovens possuíam e,

consequentemente suas famílias. Se não tivéssemos nos misturado a esses jovens em diferentes momentos, não poderíamos nos avaliar no processo de ensino.

Além disso, a convivência aberta nos proporcionou uma permanente autoavaliação. O processo da contratransferência vivenciado no dia a dia com os jovens adolescentes nos permitiu rever nossos postulados, exigindo da equipe uma autoanálise constante. Este processo, em que Devereux busca a revelação do objeto, determinou ao Projeto a busca da revelação dos jovens pelo conhecimento, uma vez que assim procedendo, estaríamos buscando a nós mesmos. É a troca manifestada pelo sabor de quem aprende. Tudo se relacionou de forma harmônica e prazerosa. A implicação afetiva e as atitudes resultantes do convívio foram sendo produzidas na relação, na influência de um para o outro. O inconsciente do pesquisador se relacionou com o inconsciente do aluno (jovem da Rocinha), nas diferentes formas que cada ciência se apresentou e através dos instrumentos que dispõe, ou seja, testes, questionários, atividades, estatísticas e outros.

No caso específico da Rocinha, a necessidade dessa população é básica, envolve saúde, alimentação, mas envolve também cultura e educação; o designer pode fazer a diferença contribuindo para suprir essa carência. Segundo Papanek (1993), o designer tem o dever de melhorar a qualidade de vida do homem, por isso a interação entre jovens oriundos da Rocinha vinculados ao NEAM e o LILD apresenta-se como promissora, pois acredito que como designer podemos contribuir para o desenvolvimento de memórias individuais, coletivas e herdadas que se desvinculem de mitos e estereótipos vigentes de manutenção em detrimento das possibilidades de avanços para a constituição de novos caminhos como comunidade, grupo e indivíduos. A relação próxima entre duas lideranças NEAM (Marina Moreira e Francisca Elisia Pirozi) e Rocinha está ilustrada na figura 21.



Figura 21: Encontro com Profª Elisia Pirozi, liderança comunitária da Rocinha e parceira do NEAM desde 1982. (Foto: Acervo NEAM/PUC-Rio).

4.2

O Adolescente e a sua Transformação Social

Durante o processo de acolhimento dos adolescentes no Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor, cada um deles se apresenta com uma vertente de busca, descobrimento e certo receio de não estar adequado ao lugar. Com o decorrer do tempo, esses adolescentes começam a se sentir parte da transformação desse espaço de oportunidade e saber. O relacionamento de trabalho se estreita entre os alunos do NEAM e os professores, assim, a adaptação ao ambiente tomou corpo com as descobertas do novo que se tornou familiar.

A escolha desses adolescentes foi um ponto positivo tanto para o Laboratório como para pesquisa, uma vez, que eles foram conhecendo as pessoas (Alunos graduandos e pós-graduando e doutores), no LILD. Esse envolvimento com mestres e alunos estagiários do LILD, facilitou a integração deles. Lá, a diversidade de trabalhos já realizados por supervisão do Professor Ripper, aumentou a disponibilidade para o aprendizado dos adolescentes.

A aproximação dos alunos do NEAM com os trabalhos do LILD foi uma transformação imensa do desconhecido, das formas inesperadas, dos objetos (protótipos) que ganharam forma em miniatura e se tornaram proporcionalmente grandes, num curto espaço de tempo.

Essa manifestação do conhecimento nos adolescentes era visível, porque os transportava para mundos inimagináveis de figuras geodésicas, uma vez, que tudo aquilo era desconhecido por eles. O trabalho com o bambu, o barro, cordas e

outros produtos, que se transformava em objetos, de rara aparição para esses adolescentes. Conforme foram realizando o projeto, eles também ganharam autonomia em observar, olhar, tocar as formas e questionarem mais sobre os objetos geodésicos.

Ao longo desse projeto, Professor Ripper citou vários arquitetos que possuem trabalhos que têm desenvolvimento ou abrangência dentro das figuras geodésicas, como o Alemão Frei Paul Otto, que produziu vários trabalhos dentro deste segmento, como o teto do estádio olímpico de Munique e o olho do pavilhão Alemão na Expo '67, Montreal, Canada.

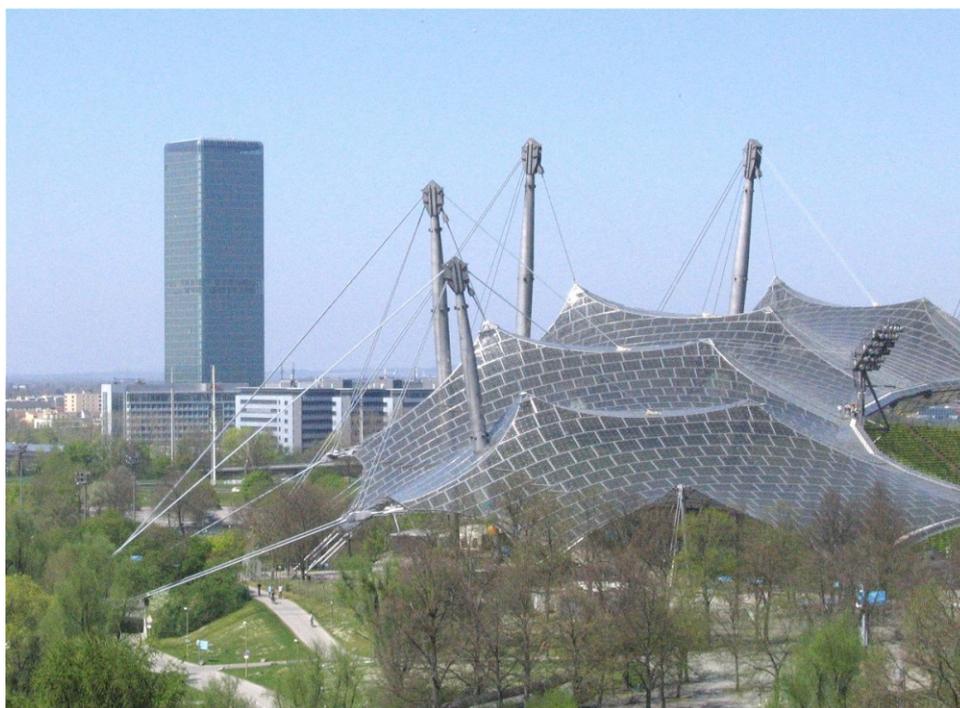


Figura 22: Domo do Estádio Olímpico de Munique – Frei Paul Otto.

Neste caso, o mais importante dessa referência era passar o conhecimento de tensegridade uma vez que, Frei Paul Otto, passou uma grande parte da sua carreira pesquisando, fazendo experimentos e desenvolveu uma sensibilidade grande na arquitetura mundial. É certo que o nome nessa área de tensegridade é Kenneth Snelson e, não pode ser esquecido. No LILD, vários trabalhos retratam a tensegridade/integridade tensional com grande fluência, deste modo, nada passava despercebido para os adolescentes e que deles não sairiam um questionamento de como fazer aquela figura.

No NEAM, esses adolescentes tentavam e passavam algum conhecimento dessas formas ou figuras geodésicas para os outros que não estavam diretamente

no projeto. Vários casos aconteceram como a maquete dos módulos que foram colocados em Tíngua-campus PUC, o orientador Ripper e sua equipe do laboratório ensinaram como montar, cortar e lixar o bambu para montar um protótipo. No fundo, esses adolescentes aprenderam a perceber que a geometria é parte da vida deles, apesar de existir a ausência dessa disciplina nas escolas onde muitos estudam.

Outro nome que fazia parte da influência sobre os adolescentes envolvidos no projeto era do visionário Americano, que desenvolvia múltiplas atribuições nas áreas do Arquitetura, Design, Geometria, Engenharia, Ciência Cartográfica e Educação. Carinhosamente chamado de Bucky, o Professor Ripper falava muito desse homem que estava anos luz do seu tempo, nas transformações ou nas inquietudes do desenvolvimento do Design Social, como o pensador das construções leves na busca de otimização do uso dos recursos naturais.

Assim, os adolescentes ouviram histórias do Professor Ripper e do Arquiteto Buckminster Fuller, quando veio ao Brasil. Foram documentos históricos (memória afetiva, individual e coletiva) que o professor carrega e compartilhou com os adolescentes e outros. Nesse contexto histórico, eles tiveram a sorte de ouvir falar do Arquiteto Roberto Burle Marx, que foi um dos anfitriões da estadia do Buckminster Fuller no Brasil.

Esses relatos reforçaram a integração dos alunos com o propósito do projeto e dava outra visão em relação ao que eles tinham vivenciado na prática. Na teoria, essas informações impulsionaram o equilíbrio racional da necessidade de se criar raízes para o alcance dos objetivos, determinando a cultura do Laboratório de Investigação em Livre Desenho e as tradições de formação cognitiva que herdaram através dos trabalhos já realizados pelo laboratório.

Era uma maneira de se socializarem com os objetos e com a geometria e sentido espacial, revendo de algum modo, os objetos feitos no Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor, com o papel reciclado com caixas e outros.

No laboratório, eles apreenderam a trabalhar com soluções perfeitas e imperfeitas das formas, e que acabam de maneira geral resultando numa busca de pontos que convergem para a necessidade do objeto, como o hexágono truncado e outros.

Dessa forma, foi aumentando a curiosidade de ver um trabalho feito ou iniciado. Mesmo assim, eles perceberam que os objetos não são terminados logo, apenas representam um caminho a ser descoberto e, aprimorado.

Várias técnicas são utilizadas para a busca da apropriação para lidar com materiais reaproveitados. Desta maneira, os jovens participantes entendem a transformação de cada objeto.

No LILD, os adolescentes entenderam a metodologia do laboratório, onde eles se tornam receptores da alteridade, assim, se tornam multiplicadores de um fazer com que as individualidades sejam respeitadas.

Socialmente, a integração foi se aprimorando conforme o envolvimento no laboratório se tornava hábito, eles já tinham percebido que convivência é ponto alto do “ethos” profissional do Laboratório de Investigação em Livre Desenho. Nesse contexto, os adolescentes criaram laços de compromisso com o trabalho e as obrigações (deveres) naturalmente, sem imposição, mas sim pela condição de aprendizes que buscam um propósito para que o grupo alcance o resultado dos objetos.

A socialização do jovens aconteceu através do processo metodológico sem alarmismo e, muito menos conformismo. Então, cada jovem se sentiu responsável pela sua aproximação com os diferentes canais de integração que existem dentro de um grupo.

Uma vez, que o Prof. Ripper pedia que os alunos se organizassem como se fossem uma “Equipe esportiva” pois se um perdesse, todos sofreriam o mesmo insucesso, a partir dessa visão, foram sendo construídas pontes de compromisso com erros e acertos, contudo, com necessidade de mudar junto a cada momento.

4.3

O Método do Campo de Atuação

A produção do conhecimento no laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD) dá-se por meio de tentativas de erros e acertos, numa infinita busca de estruturação do objeto em transformação. O corpo (objeto) que se movimenta de forma inteligente, nos oferece grandes possibilidades de acertos. A atuação no Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD) tem uma percepção diferente de trabalho;

Todos os dias existem uma maneira (natural) transformadora de investigação. O estudo dos objetos vai além da verdade do pesquisador, muda de acordo a observação na pesquisa e na tendência de resultados priorizando a busca de resultados não definidos, a partir da relação lógica da essência do objeto na sua natureza e no deslocamento para as outras finalidades.

4.4

Design em Parceria

O Design tem a perspectiva de trabalho conjunto de modo que uma abordagem seja bem caracterizada pelo conjunto de ações em grupo, que se realiza dentro do LILD, com a supervisão do Prof. Ripper.

Para os jovens do Núcleo de Estudo e Ação sobre o Menor (NEAM), essas ações dentro da proposta do LILD, percebida como uma coletânea, de práticas, estratégias e de buscas de propósitos finais para os usuários que tornam parte do compromisso (projeto) a ser despertado.

Nesse contexto, se alterou toda a concepção do trabalho já conhecida pelos jovens participantes, mas lhes deu uma visão efetiva e totalmente diferente de tudo que já tinham visto, ou vivenciado como aprendizes.

Desta forma, os jovens aprenderam a trabalhar em grupo e a respeitar as limitações de cada um deles, fazendo valer o objetivo principal dos encontros em torno da teoria-prática com que se desenvolvem reflexões sobre o prisma do domínio do conhecimento.

Essa inter-relação, entre os autores e receptores, aumenta a capacidade de trabalho e cria uma perspectiva enorme na construção do produto final, ainda que se saiba que, mesmo tendo o resultado alcançado, pode sofrer alteração. As ideias, em torno dos projetos propostos, sempre, fluíram, de maneira que todos os envolvidos tinham ciência do que acontecia para alcançar objetivos determinados. Desta forma, as atividades tomaram seu curso normal, cheio de novas perspectivas, devido à diversidade de objetos.

Os alunos entenderam que esse processo de construção de figuras geodésica envolvia matemática, geometria, e que todo aspecto construtivo caminha de forma harmoniosa quando se alcança a noção e o conhecimento da montagem dos objetos. Todas as ações aconteceram de acordo com as propostas

do projeto, que se resumia na integração sócio-acadêmica, embora, houvesse uma grande cobrança em torno de resultados sobre o desenvolvimento técnico e apropriação do saber de maneira criativa, com o foco no uso de técnicas diversas para o alcance do objetivo principal, que era a transformação do produto em pesquisa.

4.5

Produtos do Material Bambu: Casa de João de Barro

Nesse contexto, os objetos geométricos e geodésicos, começaram a fazer parte da transformação por meio, do uso do barro, do bambu, do sisal, e de outras fibras naturais utilizadas no Laboratório. A casa do João de Barro tornou se a primeira experiência.

Durante essa preparação, os alunos foram conhecendo os materiais que o LILD usa para os trabalhos científicos (figura 23), com isso, O Professor Ripper apresentou todas as possibilidades de construção da Casa de João de Barro.



Figura 23: Os jovens João Victor Albuquerque e Daniel Melone trabalham com a supervisão do instrutor Fernando Matos no acabamento da forma ideal para o Casa de João de Barro. (Foto: Elaborado pelo autor).

O bambu foi um dos materiais que servira como o principal material a ser investigado ou analisado, dentro das suas inúmeras oportunidades de uso. Os alunos receberam como primeiro passo o barro e, todo saber técnico que o LILD e seus colaboradores (alunos de graduação e pesquisadores de pós-graduação e doutorado), dos diversos segmentos do Laboratório, disponibilizaram.

Assim, eles (alunos do Neam) começaram a trabalhar o barro na sua essência bruta, para saber qual produto seria compatível com a produção da casa de João de Barro, uma vez, que a grande diversidade de barro era uma vertente importante para o sucesso da construção.

Instigados pelo Professor Ripper, pela pesquisadora Marina Moreira e com supervisão do instrutor do NEAM, Fernando Matos, os alunos foram entendendo que a construção desse projeto tinha as suas complexidades. Deste modo, foi escolhido um barro (lembrava argila de bola) devidamente limpo, sem impurezas, que fosse moldável em uma estrutura cheia de anormalidade natural, que é o caso do bambu, mas, que fosse adaptável à configuração da estrutura do bambu.

Com todo esse material, houve também a necessidade de se pesquisar as fibras que seriam usadas para reforçar as placas de barro. Testou-se o sisal, tela de nylon, folhas de bambu, gaze e outras.

Concluiu-se que a fibra de sisal seria melhor, devido a sua maleabilidade e impregnação no barro com a facilidade que originava mais resistência às placas de barro. Assim, estruturamos o bambu com tiras de 1,80 cm X 4 cm, para fazer a cesta, que seria a estrutura para construção da Casa de João de Barro. Em aproximadamente dois meses, essa estrutura foi concluída (figura 24).

Durante esse projeto, testamos várias possibilidades de usar o barro com a estrutura de bambu, mas não houve sucesso, então, fez-se necessário usar as placas longas, com 1,80 cm x 35 cm largura, feitas de sisal e gaze, de forma retangular, que cobria uma extensão maior para a confecção da cobertura da Casa de João Barro.



Figura 24: Processo de construção do Domo (Casa do João de Barro). (Fotos: Elaborado pelo autor).

Depois de algum tempo, foram produzidas as placas de barro e a estrutura (cesta) de bambu. Uma vez pronto, o protótipo foi levado para o campus PUC – Tinguá -Nova Iguaçu, onde foi instalado e terminada a sua construção. A figura 25 ilustra, a título de comparação, a casa original construída pelo seu verdadeiro autor, o pássaro “João de Barro”



Figura 25: Casa do João de Barro feito pelo pássaro. (Foto: Reprodução).

4.6

Produto do Material Bambu: O Domo

Foi uma experiência de grande valia ter o Laboratório de Investigação em Livre Desenho no processo de reafirmação de caráter e aproximação dos jovens do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor. Os segmentos de réplicas, implicou estranheza e curiosidade para desenvolverem a confiança na construção de uma maquete do “DOMO MÃE”, em vivência no laboratório do LILD. Para chegar neste ponto de fazer a maquete, os alunos do NEAM aprenderam a trabalhar com bambu, barbante e cola branca.

Foram realizados vários testes, com protótipos de dimensões diferentes, para chegar a uma maquete com tamanho ou escala 1:3000, feita com 350 palitos de bambu 15 cm x 0,5 mm, Todo o aprendizado realizado com a Casa do João de Barro foi transferido, de maneira ousada, pelos adolescentes, uma vez, que ninguém tinha feito um protótipo desse tamanho.

Contudo, eles tinham noção de vários trabalhos feitos com tensegridade. No Laboratório do LILD, existe uma grande variedade de objetos que acabam dando uma orientação às pessoas que frequentam aquele espaço de conhecimento. A construção do Domo Mãe-LILD foi de grande valia para a pesquisa, devido ao

valor simbólico que representa para a PUC-Rio, por ser umas das áreas do Design que têm na sustentabilidade um viés nítido de apropriação do meio ambiente com responsabilidade.

Durante a construção do Domo, os alunos do NEAM tiraram fotografias do LILD para poder entender a construção geodésica que forma a figura do Laboratório, sob o direcionamento dos professores e pesquisadores. A diversidade de figuras geométricas parecia um complicador para os alunos, mas, com apoio o Prof. Ripper, foi tornando-se visível, quando eles eram cobrados a observar, antes de dar um passo na montagem da maquete.

4.7

Colheita

Ao longo deste processo, os alunos foram conhecendo uma gama de variedade de bambus e como são feitas as colheitas. Este era um ponto que o professor Ripper enfatizava com maior rigor e pedia sempre a atenção dos alunos no corte.

Assim, todos eles deveriam estar atentos aos detalhes das informações apresentadas. Contudo, sempre houve disponibilidade do professor em reforçar a importância da colheita, de acordo com a época e a idade do colmo que define a durabilidade e resistência para evitar o ataque dos insetos.

O tempo de colheita e sua época ideal é a pós –brotação. O Professor informava que o bambuzal mais jovem já tinha completado o círculo de crescimento em altura, assim, desenvolvia uma grande quantidade de nutrientes. Esse crescimento (figura 26) se dá no espaço de 3 a 4 meses para os brotos aparecerem. Após 6 meses, os brotos já atingiram altura e tamanho (espessura) máximo e, sua ramificação e processo de fotossíntese acontecem.



Figura 26: Crescimento do bambu na PUC-Rio. (Foto: Elaborado pelo autor).

Assim, o aparecimento do talco (sílica) e da bainha (folha marrom), dava-se em torno do primeiro e do segundo ano do colmo, e no terceiro ano, já apresentava uma cor verde-escura, perdendo a bainha e estando pronto para corte.

Por isso, o que os alunos entenderam era o primeiro passo (corte), por isso, definia o tratamento do bambu, se assim se pode afirmar. De fato, havia outros tratamentos dependendo da utilidade ou para que fim se daria àquele bambu.

Essas etapas eram importantes. Desse modo, os adolescentes começaram a perceber que não significava apenas um corte de bambu. Por isso, a orientação para o corte, era na parte da manhã, lua minguante, de preferência nos meses de maio, junho, julho e agosto, chamados meses sem a letra (R), porque a absorção solar das plantas é baixa e acumula menos seiva.

A maneira do corte exigia conhecimento sobre o bambu e acontecia acima do primeiro nó perto da base (figura 27), na qual existe maior resistência, devido aos colmos. O objetivo é não deixar o copinho no toco que fica no solo, assim, evita-se o acúmulo de água no “copinho”, o que causaria o apodrecimento que representa danos ao bambuzal.



Figura 27: Forma do corte do bambu-copo como proteção. (Foto: Elaborado pelo autor).

Tudo isso, significava um mundo de transformação para os adolescentes que nunca tinham contato com o bambu, e passaram a ter informações sobre a Botânica brasileira e como surgiu o aparecimento de várias espécies no Brasil.

4.8

Tipos de Bambu

Conforme foi prosseguiu-se a pesquisa Design na inclusão de jovens da comunidade, o espaço Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD), como experiência transformadora na Universidade, tornou o bambu parte do Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM), e os alunos foram vendo na Universidade uma variedade de bambus, que em nada era estranha. O LILD possibilitava a outros jovens conhecerem na academia a diversidade de espécies de bambu. Outros tipos existentes (figura 28) são encontrados quer seja, em bambuzais, florestas nativas ou em florestas plantadas, tais como:

Bambusa textilis, de médio porte, com colmos retos e lisos. Bambusa Tulda- Elevado a médio porte, por haver ausência de colmos na parte inferior.

Bambusa vulgaris, médio porte, com colmos tortuosos e elevado teor de amido.

Bambusa Tuldoides, médio porte, bastante comum no Brasil, conhecido como “Taquara”

Bambusa Oldhamii, espécie de bambu entouceirante, com colmos retos, de médio porte.

Dendrocalamus asper, Espécie de bambu gigante, entouceirante, de grande porte.

Dendrocalamus Giganteus, bambu gigante, entouceirante, de grande porte.

Phyllostachys Aurea, de rizoma alastrante, de pequeno porte e muito comum no Brasil, conhecida como “cana da índia”.

Phyllostachys Pubescens, rizoma alastrante, de médio porte, também conhecido como Mosô

Guadua Angustifolia, bambu gigante, de rizoma semi-entouceirante, com espinhos nas gemas, de elevado

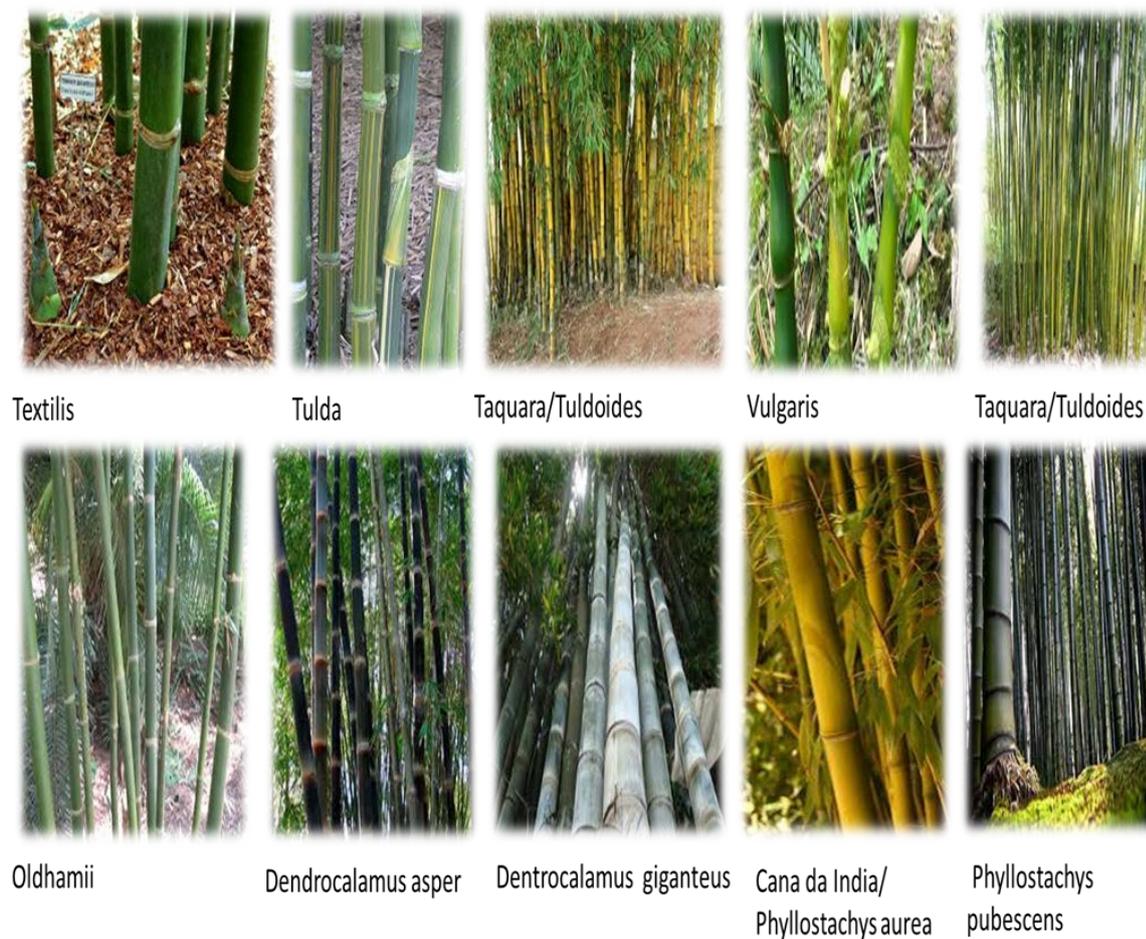


Figura 28: Tipos de bambu. (Elaborado pelo autor).

4.9

Ferramentas - Material de Uso

Os adolescentes receberam informações de como usar as ferramentas próprias no corte do bambu, devido ao específico poder de suas lâminas, quando é dividido em tiras.

O Professor Ripper ratificava a necessária atenção para lidar com o bambu, havia risco de ferimentos e acidentes. As ferramentas também eram uma determinante para o sucesso dos trabalhos, para evitar o mau corte e com isso o desperdício do bambu, como matéria prima do LILD e da pesquisa.

Aprender a lidar com o manuseio das ferramentas (figura 29) ou a integração deles no laboratório exercitou a independência tutelada por um estagiário ou um responsável no momento no qual adolescentes trabalhavam com bambu.



Figura 29: Ferramentas de trabalho no LILD. (Fotos: Elaborado pelo autor).

4.10

Construção da Maquete do Laboratório LILD

Entenderam que cada espécie possui características diferentes, no que diz respeito a composição química e física. Deste modo, há influência na escolha de utilização e tratamento para cada uma.

Com o desenrolar das atividades, a motivação e a superação dos adolescentes cresceu, demonstrando a satisfação com as descobertas, promovendo a concretização da criatividade, aliada ao compromisso social do LILD. Assim, o desenvolvimento pessoal é aguçado no meio acadêmico do Laboratório e ultrapassa o cotidiano, envolvendo diferentes vidas.

4.11

Produtos do Material Bambu: Aplicabilidade do Papel Reciclado

Durante o processo de construção dos trabalhos com o Bambu no LILD, havendo o envolvimento dos alunos do NEAM na parceria com o Laboratório,

criou-se a troca de saberes, por meio do aproveitamento do Bambu com a introdução do papel reciclado. Muitos destes pesquisadores, colaboradores do LILD não tinham conhecimento de como era feito o papel reciclado.

A partir desse estudo e trabalhos com o LILD, formou-se uma integração com a Oficina de Reciclagem de Papel, instalada no laboratório, desde a sua fundação. Essa trajetória começou a ser desenhada com a fabricação de papel de bananeira, folhas e resíduos de bambu. Assim, o aproveitamento de matéria prima proveniente dos trabalhos do LILD, tornou-se evidente na aplicação em papel reciclado.

Com isso, foram testados alguns papéis para a verificação de alguma possibilidade do uso do papel para cobertura dos protótipos produzidos. Às vezes, o sucesso não era alcançado, mas, como é uma pesquisa em desenvolvimento, é necessário mais tempo para adaptação e conhecimento das as melhores características físicas do papel, adequadas a certas estruturas de bambu.

Mesmo assim, foi produzido papel reciclado com gramaturas mais finas e grossas em uma análise da harmonização da folha. A aplicação do bambu nos trabalhos com papel reciclado no Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM) foi relativamente mais fácil, porque dependia mais da criatividade dos adolescentes envolvidos neste processo de fabricação, ou na aplicação do bambu nos produtos confeccionados com papel reciclado.

Muitos produtos de papel reciclado, esteticamente, ganharam mais qualidade com a adesão do bambu, como matéria prima, e com aplicação e do conhecimento dos pesquisadores do LILD. Resultado: embalagens e cadernos ganharam mais visibilidade.

Contudo, o mais importante é a integração multidisciplinar que existe nesses processos de conhecimento técnico-teórico entre o Laboratório de Investigação em Livre Desenho – LILD e o NEAM.

4.12

Bambu Histórias de um Japão

Finalmente, vale aqui destacar o contato com a exposição Bambu – Histórias de um Japão, de curadoria de Marcello Dantas na Japan House em São Paulo. Foi validar que a cultura do Bambu é profunda, inovadora e é de forma

delicada, enraizada na cultura ancestral nipônica. Viver esta demonstração de conhecimento aplicado no Bambu abriu um campo de sabedoria que realça a cultura japonesa.

O Bambu se apresenta através de atributos de uma postura leve, inventiva, pujante, rígida e discreta. Sentimos um grande encantamento em presenciar a arte do Bambu exposta em peças, cuja produção artística demonstra a presença de um homem capaz de dedicar muito tempo apresentando um trabalho singular e respeitando todo o desenvolvimento que a natureza apresenta.

O significado maior para os visitantes da exposição é o estado de humildade diante da revelação do bambu. Encerrar um ciclo de pesquisa na certeza que o bambu vai além do que qualquer pesquisa possa abranger. Sabemos que cada cultura apresenta características de identidade. O bambu, por sua vez, pode ser considerado um símbolo do Japão que sintetiza os valores, os saberes, a tradição, e o artesanato. É um conhecimento transmitido e registrado por gerações por meio da memória.

A exposição permeia um encontro entre o Brasil e o Japão, ambos países que fazem uso do bambu como matéria prima para criação de artefatos. No Brasil o bambu apresenta diversas espécies, onde temos a maior floresta nativa da planta, ainda pouco aproveitada, motivo da importância do diálogo com o Japão para aprender com a sua cultura as técnicas e expressões que fazem uso do bambu como matéria prima.

Na exposição é possível conhecer os mais diferentes usos do bambu na cultura japonesa, onde a planta tem presença na arte, na arquitetura, na música, no, vestuário, nos utilitários e até mesmo nas brincadeiras das crianças que desde pequenas aprendem a construir com o bambu. Essa relação Brasil-Japão é explorada pelo artista Shigeo Kawashima na criação da obra “Ponte em Círculo” que representa a ligação dos dois países (figura 30).



Figura 30: Ponte em círculo. Bambu Cana-da-Índia. Shigeo Kawashima.

O filme A Kaguya do Studio Ghibli exibido na exposição narra o conto milenar do Cortador de Bambu que pode ser comparado com a formação oferecida pelo NEAM aos jovens. Na narrativa do filme, um homem do campo encontra uma princesa especial que chega à terra pelo interior do caule de um bambu. Ela é adotada pelo homem e cresce na velocidade da planta, vivendo e oferecendo muita alegria e prosperidade para aquela família. Por fim, já adulta, a princesa retorna ao seu lugar de origem - a lua.



Figura 31: Imagem retirada do filme “O conto da Princesa Kaguya”.

O jovem oriundo das diferentes comunidades do Rio de Janeiro chega ao NEAM com suas dúvidas, anseios e uma vontade muitas vezes, ainda não estimulada ao crescimento. Ao entrar em contato com a multidisciplinaridade das atividades oferecidas pelo núcleo e com o contágio com a universidade, este jovem ganha força e cresce com a velocidade e a força do bambu, tornando-se um adulto/planta resistente e capaz de vencer o preconceito e a falta de conhecimento de muitos que o consideram assim como o bambu obsoleto ou de qualidade inferior, desconhecendo sua resistência, flexibilidade e potencialidade.

Com seu crescimento, o jovem assim como a princesa do filme, retorna a sua comunidade, mas agora com a missão de ser multiplicador de um saber que não lhe podem mais tirar.

5

Metodologia da Pesquisa

Como percurso metodológico, estabelecemos uma abordagem pertinente à natureza do contexto da questão norteadora e dos alunos envolvidos.

Para a verificação do impacto da ação nos comportamentos e nas atitudes demonstradas pelos alunos, elencamos os seguintes indicadores que emergiram da própria realização dos alunos e que foram:

- O respeito às individualidades e peculiaridades dos membros da comunidade;
- As atitudes abertas para novas experiências;
- O diálogo consistente e direto entre os participantes;
- A permanente troca de ideias e opiniões;
- O delineamento conjunto das metas prioritárias;
- Discussão de novas alternativas de trabalho, além dos pontos positivos e negativos do trabalho realizado.

Concretamente foram considerados os documentos de resgate da história de vida do NEAM, a observação das manifestações espontâneas, declarações, entrevistas e o registro do desempenho dos alunos.

Como fundamentação desta metodologia, entendemos que o conceito de Pesquisa-ação (Thiolent, 1985) é um dos elementos que vieram dar suporte ao processo metodológico aqui apresentado.

Para Thiolent (1985) uma pesquisa pode ser classificada como pesquisa-ação quando existe uma real ação por parte dos pesquisadores e das pessoas implicadas no processo da pesquisa. Na pesquisa em questão, essa ação se dá a partir de um projeto com objetivo de solução de problemas coletivos do Museu de Favela, com a ação participativa entre os pesquisadores e moradores envolvidos, desenvolvendo a pesquisa de modo cooperativo e participativo:

5.1

Pesquisa Ação

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (Thiollent, 1985, p.14).

Por outro lado, Gil (2002) explica que a pesquisa-ação é uma metodologia sobre a qual muitos pesquisadores divergem pela necessidade dessa relação ativa entre o pesquisador com o objeto de estudo. Por isso, é vista por alguns pesquisadores como desprovida de objetividade. No entanto, a pesquisa vem sendo reconhecida e utilizada por pesquisadores identificados por ideologias participativas. A pesquisa participante é comprometida com a extinção da relação entre dirigentes e dirigidos e por essa razão tem-se voltado, sobretudo, para a investigação junto a grupos desfavorecidos (GIL, 2002). Tal processo de pesquisa pode ser relacionado com a metodologia do Design Participativo, já que ambas as abordagens são centradas no outro, como parceiro de pesquisa.

O Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica-Rio vem de uma linha de trabalho do Design Participativo (DP), praticado na Pontifícia Universidade Católica, há mais de vinte anos, com os professores Ripper e Ana Branco. A primeira dissertação de mestrado em Design do Departamento e do Brasil: “O design e o aprendizado: barraca: quando o design social deságua no desenho coletivo” foi defendida em 1996 por Heliana Pacheco (PACHECO, 1996)

De acordo com Luiz Antonio Coelho (COELHO, 2014), o tema cresceu nos últimos anos pela facilidade de se trabalhar em rede, algo proporcionado pelos novos recursos digitais. Para o autor, no Brasil o Design Participativo ganhou força na área de ergonomia a partir do livro Design Participativo, de autoria de Anamaria de Moraes e José Guilherme Santa Rosa, lançado em 2012.

A característica dessa abordagem, segundo Bianco e Damazio (BIANCO; DAMAZIO, 2007) é fazer com que os profissionais apliquem o design pensando no contexto social e focando no indivíduo, visando à criação de produtos e soluções adequadas às necessidades dos usuários, mas integrando, de maneira

efetiva, a sua visão sobre esse diagnóstico. O comprometimento e contato direto do designer com o usuário e o contexto que o projeto se apresenta são os pontos marcantes da prática do Design Participativo.

Kensing e Blomberg (Kensing; Blomberg,1998) afirmam que o campo do Design Participativo se desenvolveu a partir de 1970 na Noruega em um momento em que os profissionais de computação buscavam aperfeiçoar o processo de implementação de sistemas computacionais. Na história do Design Participativo, vemos que sua origem e desenvolvimento estão intrinsecamente ligados a projetos da área de computação

O Design Participativo para Fabiarz e Ripper (Fabiarz; Ripper, 2011) é uma relação entre os sujeitos: o designer com as suas habilidades e o parceiro com suas práticas, experiências e lacunas para o desenvolvimento de um projeto por meio da troca de saberes entre eles. Desenvolver tal metodologia é construir, por meio da partilha, da troca, permitindo ir ao encontro do outro. A relevância da pesquisa participativa centra-se na pesquisa com as comunidades envolvidas, o que difere da pesquisa para a comunidade, feita como encomenda como se a mesma fosse um cliente que contrata um serviço. Nessa abordagem, a participação do parceiro no desenvolvimento do projeto vai além de uma ação consultiva. No Design Participativo, o usuário participa ativamente em todas as fases do processo, trabalhando como um cocriador das soluções elaboradas (Santa-Rosa & Moraes, 2012).

A relevância da pesquisa participativa centra-se na pesquisa “com” as comunidades envolvidas, o que difere da pesquisa “para” a comunidade. A pesquisa em questão objetivou, portanto, a geração de um conhecimento, caracterizado pela integração do saber local da comunidade com o conhecimento científico, resultando numa construção de conhecimento social.

Partilhar o processo parece ser um caminho no qual a voz do objeto, que pronuncia algo a partir de seu lugar de enunciação na relação de pesquisa, pode atuar no interior da investigação. Deste modo, o pesquisar torna-se uma postura metodológica que busca garantir esse espaço de enunciação que provoca e interfere. É importante esclarecer ainda que essa forma de encarar a pesquisa não se constitui como um método, com protocolo definido – pois, mesmo o método, é algo a ser construído a partir do encontro e não a priori –, mas como uma

estratégia que embasa um modo de estar com o outro (...) (Carvalho, 2015, p. 34-35).

Ter o outro como ser falante, é ter um parceiro na produção de um conhecimento compartilhado. Pesquisar “com”, segundo Carvalho (2015), não significa que o lugar do pesquisador desapareça, nem que ele se tornará igual ao objeto da pesquisa, pelo contrário, é uma postura metodológica que permite que aconteça a troca dos saberes na busca da produção de um conhecimento. Portanto, esta pesquisa se caracteriza pela geração de um conhecimento que busca a integração do saber local de uma comunidade, junto a área do design, resultando na construção de um novo conjunto de saberes para ambos.

Foi realizada uma pesquisa-ação, que visa uma atuação transformadora, por meio da troca e da associação de conhecimentos, com a prática e o cotidiano da comunidade. Esse processo corre por meio de uma dinâmica interação entre os saberes popular e acadêmico, tendo por objetivo a criação de métodos e técnicas capazes de gerar formas alternativas de tratamentos da realidade a qual, na maioria das vezes, coloca-se completamente distanciada de nossa atuação acadêmica tradicional.

5.2

Design Participativo

O design, nesta proposta, tem o papel fundamental de instrumentalizar os envolvidos na troca de saberes. É o ponto de mediação, no qual as partes têm possibilidade de expressar sua compreensão de mundo e, assim, propagar seu desfecho a uma sociedade diversa.

Podemos destacar, como ponto de partida para a análise desta soma de conhecimentos, alguns parâmetros:

- O envolvimento comprometido dos grupos no que é posto como premissa;
- A garantia da pessoalidade a cada um dos jovens, em atuação no Laboratório de investigação em Livre Desenho (LILD);
- Planejamento flexível, com apoio à isonomia nas atividades apresentadas e à autonomia no realizar, principalmente;
- Interação sem julgamento de qualquer natureza;

- Eficácia na produção de descobertas; e
- Meta definida para a aplicação dos resultados obtidos.

Todas essas considerações sobre metodologia vieram ampliar o nosso percurso metodológico em sintonia com a dinâmica de atuação do NEAM (figura 3).

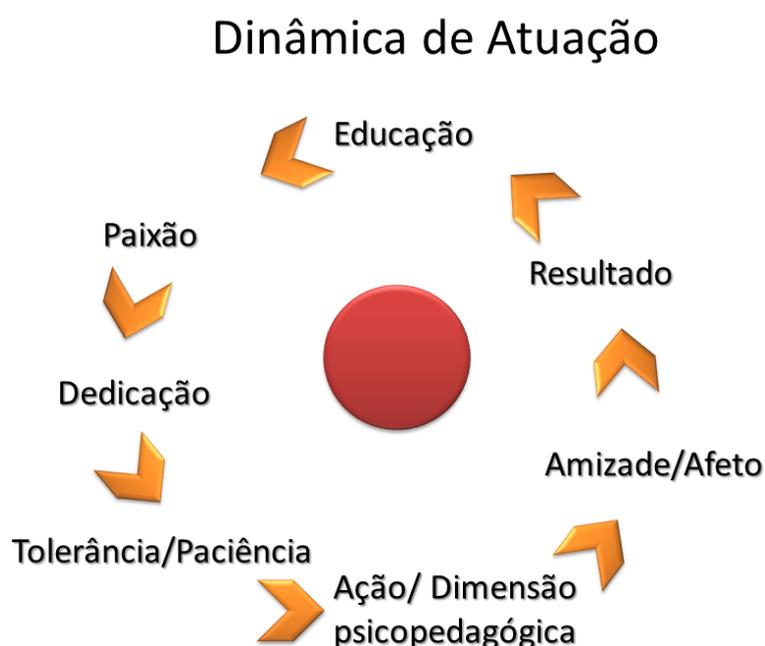


Figura 32: Metodologia-dinâmica de atuação. (Elaborado pelo autor).

Nessa dinâmica de conceituação, apresentamos a educação. Na conscientização há uma responsabilidade maior em dar ao homem a distância do objeto para que este o admire. Os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. Fica explicitada nas práxis humanas a indissolubilidade entre a ação e a reflexão apresentada pelo mundo. O infinito é composto pela conscientização, está ligado literalmente à história e está permite aos homens atuarem, mas no momento de se situarem numa atitude crítica não terminarão jamais. Daí a educação estar em constante processo de transformação. A paixão se apresenta como componente de ousadia que nos intervém nos diferentes processos de atuação, buscando o novo paradigma do saber em comunidade. A dedicação é apresentada como a qualidade sem tempo certo, de maneira simples, sem nenhuma preocupação para si próprio. Uma grande ambição na conquista e formação do aluno. A tolerância/paciência é apresentada como a

necessidade de se associar e de se unir, buscando os sintomas de interesse e trabalhando os limites, sem se fechar; o desafio de obter é maior do que o de resistir. A ação/dimensão psicopedagógica é colocar o indivíduo vivenciando o saber, dimensionando o seu lugar através de um saber que se apresenta sem preconceitos indiscriminado a inteligência. A amizade/afeto se apresenta como a construção do processo de confiança estabelecido entre os pares: quem ensina e quem aprende. Não há nenhuma relação de dependência neste processo, apenas um espaço comum em superar a situação limite. Daí a relação afetiva tornar-se importante se for espontânea. O resultado é o estágio que atinge a todos que se envolveram no processo. Para uns, o descobrimento de um mundo diferente; para outros, a assimilação de novas informações que possibilitarão a elaboração de novas teorias, tudo é educação. Uma vista parcial da PUC-Rio é apresentada na figura 33.



Figura 33: Missão da PUC e o Design. (Foto: Rafael Trota).

Em concreto, mais especificamente, o processo metodológico incluiu a observação e registro da experiência, depoimentos escritos e entrevistas para a coleta de dados. Todos os seis jovens participantes da pesquisa experiência de integração NEAM-LILD-Comunidade foram os sujeitos da presente pesquisa.

5.3

Perfil dos Jovens

Esses jovens foram selecionados, usando-se como principal critério seu vínculo com o NEAM e sua participação em atividades interdisciplinares promovidas pela universidade por meio do laboratório LILD, principalmente, a construção batizada de Ninho-Domo. Outras características que configuraram esse grupo foram; o fato de ser alunos matriculados em diferentes escolas públicas do Rio de Janeiro, estarem regularmente matriculados entre o 9º ano (ensino fundamental II) e 3º ano do ensino médio e com idade entre 15 e 17 anos de idade. O quadro (quadro 1) a seguir apresenta quem são esses jovens.

Quadro 1: Perfil dos jovens entrevistados.

Jovem	Residente	Ano Escolar	Tempo de NEAM	Idade
Daniel	Vidigal	2º ano	5 anos	16 anos
Denison	Bonsucesso	1º ano	2 anos	16 anos
João Vitor	Pavuna	3º ano	3 anos	17 anos
Milena	Rocinha	2º ano	3 anos	18 anos
Patrick	Gávea (Minhocão)	2º ano	5 anos	18 anos
Rafael	Cidade de Deus	2º ano	2 anos	18 anos

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na pesquisa realizada.

5.4

Coleta de Dados

O processo de coleta de dados se iniciou pela observação e registro da participação dos jovens na experiência com atividades interdisciplinares, especialmente a construção do Ninho-Domo. Após essa vivência, os jovens

deram, por meio de cartas, suas opiniões a respeito da experiência. A análise dessas cartas contribuiu para elaborar o roteiro das entrevistas na qual se indagou sobre os dados pessoais, a participação no NEAM-LILD e sua crítica, os planos para o futuro, as expectativas alcançadas e auto avaliação. As manifestações dos jovens registradas por meio dos diferentes instrumentais de coleta foram analisadas como evidências de impacto em relação aos indicadores pertinentes, anteriormente mencionados.

Esta pesquisadora se eximiu de realizar as entrevistas, uma vez que existia entre ela e os alunos um vínculo de autoridade que poderia influenciar nos resultados. Optou-se então pela pesquisadora Fernanda Pina, tendo em vista que está possui filho adolescente, o que facilitaria o contato, como a linguagem e narrativa adequada na relação com os jovens.

De acordo com Morin (2013), a ordem e a desordem estão inesperadas, havia uma expectativa em torno do que achávamos que obteríamos de resultados. Partimos do pressuposto que todos estes jovens falam pouco e se sentem-se desconfortáveis ao falar de si. Contudo, nos surpreendemos com os longos relatos.

Acreditamos que o fato da entrevistadora ser mãe de um jovem, como mencionado, pode ter contribuído, somado, ao fato dela também ter sido uma jovem de comunidade que buscava oportunidades. Por fim, o simples fato dela ser uma desconhecida, não tendo qualquer papel definido no imaginário que tange papéis sociais aos quais os entrevistados estão submetidos, pode ter contribuído como oportunidade para um relato com maior despojamento e entrega.

5.5

Entrevistas

1 - Qual a sua idade?

João Victor – 18 anos

Denison de Souza – 17 anos

Mylena Matos - 18 anos

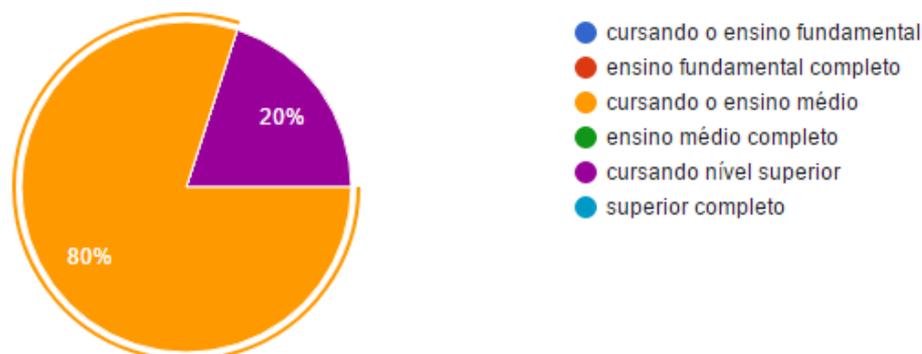
Rafael Lira – 18 anos

Patrick Lopes – 19 anos

Daniel Melone -18 anos

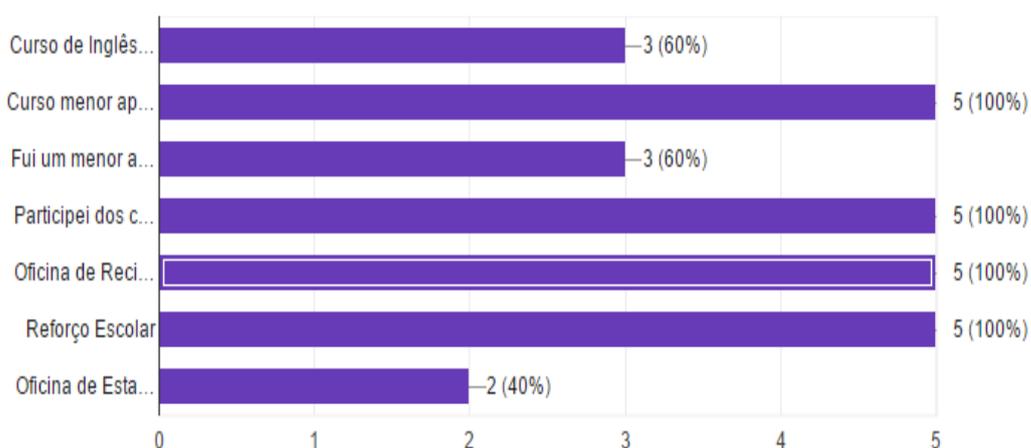
2 - Qual a sua formação?

5 respostas



De quais programas do NEAM você participou?

5 respostas



Qual você mais gostou? Justifique.

João Victor - Menor Aprendiz. Me fez crescer mais e me ajudou a interagir melhor com as pessoas.

Denison de Souza - Oficina de Reciclagem.

Mylena Matos - Curso menor aprendiz. Porque além de ser o primeiro contato com um emprego, eu pude amadurecer, tanto profissionalmente como na minha vida pessoal, no meu caráter.

Rafael Lira - Ganhei bastante experiência com todos esses programas.

Patrick Lopes - Oficina de reciclagem, pois aprendi a reaproveitar coisas que eram descartadas e dar uma nova vida a ela.

Daniel Melone - Gostei muito de trabalhar com o Professor Jose L. Ripper na pesquisa do Domo “Casa de João de Barro” Geodésico, conhecer todas aquelas formas de objeto que nunca tinha visto na vida, foi um grande desafio, e aprendi muito com as pessoas do LILD e no NEAM.

Em que bairro você mora?

João Victor - Moro na Pavuna

Denison de Souza - Moro em Bonsucesso

Mylena Matos – Vivo na Rocinha.

Rafael Lira - Sou de Jacarepaguá

Patrick Lopes - Mora na Gávea

Daniel Melone - Moro no Vidigal

Nos fale dos seus atuais planos para o futuro.

João Victor - Fazer um curso técnico em administração

Denison de Souza - Engajar no quartel e seguir carreira no Exército

Mylena Matos - Pretendo me formar em design e trabalhar com fotografia.

Rafael Lira - Pretende fazer vestibular na PUC e me formar em Design Gráfico.

Patrick Lopes - Terminar a faculdade de Design e depois cursar Belas Artes.

Daniel Melone - Desejo me formar na Cultura Inglesa e terminar o ensino médio. E trabalhar na área de informática.

Nos fale da sua passagem pelo NEAM no LILD!

Como foi sua passagem pelo NEAM?

João Victor - Uma ótima passagem

Denison de Souza - Foi ótimo.

Mylena Matos - Foi de muito aprendizado e alegria. Aqui eu pude amadurecer muito e me tornar alguém de um caráter muito forte.

Rafael Lira - Fiz novas amizades, aprendi muitas coisas que posso levar para minha vida, e também ganhei muitas oportunidades.

Patrick Lopes - Foi boa, aprendi coisas e conheci pessoas que estão comigo até hoje.

Daniel Melone - Bem, eu ainda estou no NEAM, embora eu esteja a fazer um curso no LAC (Laboratório de Colaboração Avançada- PUC), posso dizer que tenho tido várias experiências boas e no LILD foi uma grande experiência e gostei muito.

De tudo o que você pretendia viver aqui, o que aconteceu? E o que não aconteceu?

João Victor - Aconteceu tudo que eu esperava, comecei pelos cursos de férias e fui até o menor aprendiz.

Denison de Souza - Comecei a ter mais responsabilidade, me diverti aprendendo muitas coisas que irão me ajudar no meu futuro.

Mylena Matos - Criei muitas amizades que jamais pensei em criar. Aconteceu tudo o que eu pensei que iria viver aqui.

Rafael Lira - Fui para a Aparecida do Norte, que é um sonho meu desde criança. Infelizmente não consegui fazer um Pré Vestibular aqui.

Patrick Lopes - Aconteceu tudo que eu esperava e mais um pouco.

Daniel Melone - Bem, é difícil descrever tudo, mais eu aposto que aprendi o suficiente para dar importância ao NEAM e ao LILD, mesmo sendo uma passagem breve nesse Laboratório onde eu aprendi a respeitar os colegas, a trabalhar em equipe e o que não aconteceu porque em algum momento vai acontecer.

O que você mais gostou no NEAM? O que podia melhorar?

João Victor - A equipe que trabalha no NEAM.

Denison de Souza - Das pessoas em geral. O espaço.

Mylena Matos - Da equipe do NEAM e do LILD. Eu acho que está bom do jeito que está.

Rafael Lira - Gosto bastante das formas que os professores ensinam se comunicam e etc. Já tem tudo o que é necessário.

Patrick Lopes - A companhia e as coisas que aprendi com o NEAM.

Daniel Melone - No NEAM gostei de tudo, porque obtive várias oportunidades.

Como você reproduziu o que aprendeu aqui?

João Victor - Podendo mostrar em casa e até na escola mesmo, os trabalhos aprendidos no NEAM.

Denison de Souza - Me afastei de pessoas que não estavam no mesmo vínculo que o meu, comecei a focar mais nos estudos e no trabalho.

Mylena Matos - Eu me tornei uma pessoa muito mais paciente e isso fez eu conseguir me relacionar melhor com outras pessoas.

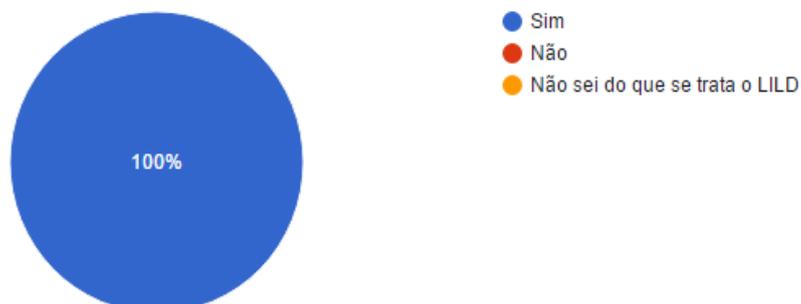
Rafael Lira - Ensinando para amigos, atividades do dia a dia.

Patrick Lopes - Nunca mais comprei um caderno, passei a produzir todos meus e passei a ver e dar mais valor as coisas quer geralmente podem ser utilizadas mas acabam sendo descartadas.

Daniel Melone - Eu consegui ter mais interesse na área de informática e sempre que posso compartilhar este conhecimento com os meus colegas, foi uma coisa que aprendi no LILD e no NEAM.

5 – Você viveu alguma experiência no LILD?

5 respostas



Caso tenha respondido sim, comente esta experiência.

João Victor- Na feira de ciências da escola, foi uma das melhores experiências que eu já apresentei.

Denison de Souza- Foi a melhor experiência que tive no NEAM, aprendi com o Prof. Ripper que podemos fazer tantas coisas com bambu e barro, como por exemplo: Abrigos e Materiais de Sobrevivência.

Mylena Matos- Foi um momento novo. Eu gostei muito, pois eu pude mexer com coisas que eu jamais pensei que iria mexer ou que se pudesse fazer coisas com certos objetos, como o bambu.

Rafael Lira- Fizemos muitos projetos com bambu, barro e outros. Construimos diversas estruturas, e muitas eram levadas ou feitas em Tinguá. Foi bastante gratificante, aprendi muitas coisas que se aplicaram no meu dia a dia e em trabalhos escolares por exemplo.

Daniel Melone- foi uma experiência única, pois o trabalho era algo experimental que exigia muito esforço físico e mental, mais quando eu via aquele objeto pronto, era uma alegria muito grande, como em Tinguá e a maquete do LILD.

Viveu alguma outra experiência em outro setor da PUC? Qual? Comente.

João Victor- Sim. Laboratório de Colaboração Avançada (LAC-PUC-Rio). Uma oportunidade boa para crescer no mundo da informática

Denison de Souza- Departamento de História, onde trabalhei como auxiliar administrativo.

Mylena Matos- Não.

Rafael Lira- Eu fiz teatro na Cátedra e foi bastante divertido, pois eu perdi boa parte da minha timidez, e também fiz muitas amizades lá.

Patrick Lopes- Particpei de diversos workshops no CRAA e Visitei o Laboratório de Designer.

Daniel Melone- bem agora me encontro a trabalhar no Laboratório de Colaboração Avançada (LAC-Rio), aprender a programar.

Você acredita ter amadurecido no NEAM? Justifique.

João Victor- Sim. Depois que eu participei do NEAM, tive mais companheirismo, mais responsabilidade, pontualidade.

Denison de Souza- Sim. Mudei muito minha rotina, mudei meu conceito sobre "trabalhar".

Mylena Matos- Sim. Amadureci muito. O NEAM sem dúvidas tem uma grande porcentagem no meu crescimento. Aqui eu pude lidar com vários tipos de personalidades, e estilos.

Rafael Lira- Bastante. O NEAM nos ensina a como seguir a vida com humildade, ética e educação.

Patrick Lopes- Sim, estar no NEAM durante esse tempo me possibilitou ver que eu podia ir além daquilo que eu esperava de mim.

Três palavras ou expressões que vêm à sua mente quando você pensa no NEAM.

1ª palavra

João Victor- Amor

Denison de Souza- Amei

Mylena Matos- Aprendizagem

Rafael Lira- Vida

Patrick Lopes- Aprendizado

Daniel Melone- Família

2ª palavra

João Victor- Carinho.

Denison de Souza- Instituto.

Mylene Matos- Paciência.

Rafael Lira- Ética.

Patrick Lopes- Orgulho.

Daniel Melone- Futuro.

3ª Palavra

João Victor- Responsabilidade.

Denison de Souza- Gratidão.

Mylene Matos- Professores.

Rafael Lira- Cidadania.

Patrick Lopes- Amigos

Daniel Melone- Estudo

RESULTADOS

Toda a trajetória da parceria NEAM-LILD-Comunidade revela, através da observação contínua, evidências do impacto dessa vivência nas mudanças comportamentais dos jovens do NEAM, especialmente, no que se refere aos indicadores antes mencionados e aqui enfatizados no que tange o respeito as individualidades, a abertura para novas experiências, o diálogo entre os participantes, a troca de ideias e opiniões, o delineamento participativo das metas prioritárias, a discussão de novas alternativas de trabalho e auto avaliação sobre o desempenho.

Contudo, da indagação mais direta e concisa aos seis jovens através das entrevistas individuais emergiram informações e depoimentos significativos que consolidam o impacto esperado, como resposta à questão principal da pesquisa.

Apresentar os resultados quantitativamente em termos numéricos e percentuais extraídos das entrevistas não seria adequado face ao número de respondentes e por certo seriam omitidas informações relevantes e originais de cada jovem. Assim, optamos por uma apresentação qualitativa trazendo aqui a íntegra das respostas a cada indagação da entrevista, nas quais se pode constatar: a participação prazerosa nos programas oferecidos, a vivência com sucesso nas atividades do NEAM-LILD, os acontecimentos significativos para a vida pessoal, expectativas alcançadas, aprendizagem e aplicação do conhecimento, busca de outras experiências na Universidade (PUC), o amadurecimento e gratidão.

Desse modo, aqui são apresentados os dados desses importantes pequenos atores cujos nomes foram mantidos, com sua permissão, para propositalmente serem conhecidos por sua coragem e seu sucesso.

Finalmente, no intuito de fortalecer mais nossa convicção no sucesso dos resultados são a seguir apresentados e comentadas declarações contidas nas cartas de dois dos jovens entrevistados, Rafael e Patrick:

Rafael: o ator que canta ou o cantor que interpreta? Eis a questão.

Rafael, dezesseis anos, morador da Cidade de Deus e cheio de planos. Chegou ao NEAM no início de 2015 e, portanto, na ocasião, atendido havia seis meses pelo Núcleo. Como ele mesmo diz, já é outra pessoa. Em sua carta, após a experiência do Ninho-Domo, em sua entrevista percebemos estar diante de uma pessoa que ampliou seu campo de visão. Aliás, esta visão mais ampla de mundo intrincado, mas que também amplia as oportunidades, é uma característica típica de todos os entrevistados, mas, em Rafael, ela é mais forte. Isto pode estar atrelado à sua recém-chegada ao Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor, ou, ao fato de conseguir ter acesso a oportunidades jamais pensadas e não querer perder tempo para colocar seus planos em ação.

O jovem chegou ao NEAM por indicação de uma amiga que também faz parte do Núcleo. Para ele, a oportunidade de ocupar o tempo ocioso foi o que mais o atraiu. “Chegar em casa da escola e não ter nada para fazer não é bom”, segundo Rafael. Ele também pensa em conquistar sua independência financeira e sabia que estando no NEAM essa conquista seria mais fácil, já que o núcleo prepara todos os seus atendidos para serem jovens aprendizes e, conseqüentemente, terem uma renda própria. Estar no NEAM também era ter novos acessos. Seria um novo ambiente, novas pessoas e novas oportunidades que, segundo ele, o fizeram ser muito diferente do que é. No trecho a seguir, podemos perceber como Rafael entende o que é estar no NEAM:

Hoje eu saio do colégio e venho direto pra cá. Antes de vir pra cá, eu era muito tímido, vivia fechado, não falava com ninguém. Agora eu melhorei muito. Até uma professora da minha escola me elogiou. Eu tenho uma banda com alguns colegas lá onde eu moro, também faço teatro e quero tentar manter as duas profissões.

Quando questionado se antes de entrar para o NEAM o seu sonho era o mesmo do que o de hoje, Rafael afirma, com convicção, que antes não sonhava com nada. Ele até se animava com a banda, mas não acreditava muito. Hoje ele aparenta ser um líder nato. Diz que orienta os amigos na aquisição dos instrumentos. Ele próprio deu exemplo e hoje já possuiu seu baixo. Agora está “em cima de um amigo que não quer comprar a bateria”.

Rafael argumenta que ele e os membros da banda têm que começar cada um fazendo sua parte: “é o nosso sacrifício para conquistar alguma coisa”. É pensando assim que ele acredita que vai ter a banda dele fazendo shows, mas acha

que o teatro vai complementar melhor sua renda, além de facilitar a divulgação da banda, que é de rock, que afirma não ser o gosto da maioria das pessoas.

Depois de viver o Ninho-Domo, o músico Rafael mostrou-se, em sua carta, otimista com o aprendizado vivido, assim como se mostra otimista com as novas oportunidades relatadas na entrevista. O trecho a seguir, extraído da carta, indica suas impressões sobre o projeto do qual participou no LILD.

O Professor Ripper me ensinou que o barro pode ser útil para muitas coisas. (...) Bambu também pode ser usado para criar várias coisas: bicicletas, cabanas e outras estruturas que podem ser aproveitadas no mercado de construção, artesanatos e outros. É uma maneira muito diferente de ver as construções de vários modelos ou protótipos.

Sem que, em nenhum momento, ele fosse questionado, na entrevista sobre o Ninho-Domo, Rafael falou do projeto como algo que “foi muito maneiro”, exemplificando como sua passagem pelo NEAM tem sido importante para que ele se torne uma pessoa melhor. Segundo ele, além da timidez, já superada, Rafael também se acha mais criativo e responsável. Para sua mãe e outras pessoas da família essa mudança é perceptível. Já, para os colegas de banda, Rafael passou a ser uma referência e como ele mesmo diz: “ano que vem meus amigos vão tentar entrar aqui.”.

Se Rafael levar adiante este otimismo que, para nós pesquisadores é fruto das intervenções proporcionadas pelo NEAM, ele tentará ser uma referência também quando o assunto for um show de rock ou uma peça de teatro. Para resumir a visão do nosso músico ator, ou ator músico, sobre sua atual experiência, pedimos que ele apontasse uma palavra ou expressão para cada um dos termos indicados. Para o NEAM, ele não pestanejou e falou prontamente a palavra esperança, para a PUC-Rio, com a mesma agilidade, falou oportunidade; e, para o Laboratório de Investigação em Livre Desenho, ele primeiro perguntou do que se tratava e a entrevistadora falou ser o laboratório onde ele fez o experimento Ninho-Domo, após um riso espontâneo, ele disse que não tinha como não responder, Professor Ripper.

Patrick: mais que um ilustrador, o poeta dos traços.

Patrick é mais um caso emblemático do NEAM. Atualmente vive seus últimos dias como menor atendido, já que é política do Núcleo suspender o

atendimento quando se atinge dezoito anos. Por isso, este jovem tem muita história de superação e conquistas para contar. Ao contrário de Rafael, Patrick é mais centrado e nitidamente mais amadurecido. No entanto, mantém o mesmo otimismo com seus planos de vida.

No seu ciclo de amizade, era comum ter um colega que já tivesse passado ou tivesse o interesse de passar pelo NEAM. No caso de Patrick, a voz do primo, também atendido pelo Núcleo, falou mais alto. O fato de já desenhar e querer aprimorar esse talento, fez com que Patrick chegasse até ao NEAM. Ao conhecer Fernando, um dos mentores e também ilustrador, o jovem viu ali o início de uma grande amizade que lhe permitiria muitas trocas.

Patrick não esconde que sua paixão é desenhar, tanto que ele acabou também ministrando aulas de desenho na oficina de ilustração, promovida pelo Núcleo. Durante seus quatro anos de vínculo com o NEAM, Patrick diz já ter passado por inúmeras experiências e que sempre fez questão de levar adiante: a exemplo, o jovem relata como foi aprender, ensinar e usar no seu dia a dia os ensinamentos sobre como fazer cadernos. Para ele aprender a fazer caderno não se limita a aprender um trabalho manual, significa dar forma a algo útil e “aprender outras coisas que vem junto”. Patrick disse ter um ano escolar, em que todos os seus cadernos foram feitos por ele mesmo, disse que ainda ajudou muitos colegas a fazerem o mesmo e a dividir a consciência do reaproveitamento de materiais, além de contar com algo personalizado.

Ele alega não fazer plano para o futuro, mas relata coisas que não quer deixar de fazer, Patrick quer voltar à Europa, viajar por alguns países e tentar trabalhar como tatuador, depois de se formar em Design pela PUC-Rio. Segundo o rapaz, antes de estar no NEAM ele projetava ser um grafiteiro. Em 2013, Patrick esteve no sul da França, com sua mãe, que hoje vive lá depois de compor uma nova família. Durante um ano, o menino fez diversos cursos de desenho, mas que segundo ele não foram tão bons quanto os ensinamentos do Fernando. Sem “levar muito jeito com os franceses”, Patrick voltou e pediu para se reintegrar ao NEAM, por desejar não sair da PUC, que abriu um leque de tantas oportunidades. Atualmente, se dedica ao estudo para ingressar na universidade por meio do vestibular.

Sua visão amadurecida e apaixonada pelo NEAM o faz participar de todas as atividades propostas e saber aproveitar ao máximo. Segundo o ilustrador,

muitas vezes, a gente começa uma atividade sem saber o que vai acontecer, mas, depois a gente percebe o quanto aprendeu. Não à toa, Patrick estava no grupo do Ninho-Domo e um trecho de sua carta exemplifica e reforça a maneira como ele vê as atividades promovidas pelo NEAM.

Quando se trata do barro, podemos destacar que serve para muitas coisas. Uma delas é a fusão do barro com a fibra, que cria uma resistência na fabricação de revestimento para ser utilizado, por exemplo, na casa do João de Barro. (...) O bambu também foi um tema que tivemos e aprendemos sobre sua grande utilidade na construção de casas, tendas, barcos, armários, cadeiras e outros utensílios. É uma experiência muito boa e já posso usar algum conhecimento na escola e nas minhas aulas do ensino médio.

Na entrevista, Patrick enfatiza que o conhecimento aplicado, de tudo que ele aprende no NEAM, é para que eles se tornem pessoas melhores. Por ele, “com o aumento da responsabilidade a gente começa até a se relacionar melhor com as pessoas”. Para avó de Patrick, o NEAM “é uma maravilha” por fazer de Patrick um menino mais atencioso. O próprio relata que hoje ajuda mais a avó. Antes, ele “chegava da escola e ficava no sofá deitado vendo televisão ou desenhando” e hoje ele contribui nas tarefas de casa, sem deixar de fazer o que gosta. Apesar desta visão holística, o jovem pauta sua vida no desenho e na parceria que ele quer que nunca acabe com o Fernando.

O NEAM foi e é muito bom pra mim. Mas ter conhecido o Fernando mudou muita coisa. Ele é mais que um professor pra gente. No desenho, ele me ensinou muitas técnicas que eu não sabia e se hoje minhas ilustrações são boas é graças a ele e não ao cursinho que fiz na França. Tanto que, de lá, a gente nunca deixou de se falar. Eu quero estar sempre por perto, por isso, quero passar no vestibular, porque, aí, quando eu não tiver mais aqui, eu não vou deixar de estar na PUC.

Para Patrick, NEAM é educação, PUC-Rio é oportunidade e LILD é bambu, barro e aprendizado. Com essa bagagem, o jovem quer continuar a vida, mostrando sua evolução com os desenhos, alegando que sempre tem o que aprender. Ele quer que o desenho represente seu carinho pelas pessoas, por isso presenteia todos que admira, seja com um retrato para uma amiga que fez quinze anos, seja para Professora Marina com a imagem sagrada que ela sustenta na parede da sala. Por fim, o poeta dos traços quer que o desenho seja seu sustento, mas sem abrir mão do prazer que este ofício representa. Como ele mesmo diz: “quero passar a vida desenhando e sendo reconhecido, quem sabe com uma

exposição”. A entrevistadora então é interrompida, pedindo que a sala fosse liberada para os próximos entrevistados, caso contrário a conversa não teria mais fim e o celular do jovem ainda tinha muitas ilustrações registradas para serem expostas.

DISCUSSÃO

A investigação realizada neste estudo se deu com o intuito de compreender as relações entre o jovem e o ambiente universitário. O objeto de pesquisa, as experiências, as trocas, as vivências não poderiam ser abordadas sob uma ótica mecânica, excessivamente fragmentada, essencialmente disciplinar. Tendo em vista esse aspecto, julgou-se oportuno de realizar um trabalho tendo a interdisciplinaridade como fio condutor. Segundo COUTO (1997), a interdisciplinaridade se concretiza por meio de uma mudança de atitude, que se conscientiza ao longo do processo:

(...) possibilita o conhecimento, por parte do indivíduo, dos limites de seu saber para poder acolher contribuições de outras disciplinas. Interdisciplinaridade deve ser, pois, entendida antes de tudo, como atitude, pautada pelo rompimento com a postura positivista de fragmentação, visando a compreensão mais ampla da realidade. Através desta postura é que ocorre a interação efetiva, sinônimo do interdisciplinar.

Portanto, tomamos a própria diversidade de formação dos pesquisadores envolvidos neste trabalho como uma vantagem e não como um problema. O fato de o problema a ser estudado ser de ordem complexa não foi encarado como algo impeditivo, apenas alimentou a segurança de que só observaríamos melhor as oportunidades, ao longo da investigação, ao abraçar a experiência e o contato com os entrevistados e núcleos de pesquisa. Ou seja, a premissa do trabalho foi tentar vivenciar a interdisciplinaridade fazendo, agindo, pensando e atuando, fosse planejando o trabalho, idealizando apresentações, experiências e entrevistas, analisando conteúdo ou retomando caminhos, conforme algum item importante nos era apresentado.

O Design, pela sua natureza diversa, foi fundamental para corroborar com a abordagem desejada. O design e a interdisciplinaridade demandam características similares, tais como a curiosidade, a abertura para o diferente, o novo e a inovação. Para tal, fragmentação e segmentação demasiadas seriam obstáculos para a experiência. Apesar da interdisciplinaridade não refutar completamente o especialíssimo ou a disciplinaridade em si, questionar essas

premissas é algo importante e parte dessa atitude. A vocação interdisciplinar do Design auxiliou a metodologia de investigação.

Os resultados observados, tanto de experiências anteriores do NEAM e do LILD, quanto do conteúdo extraído das entrevistas, mostra que há, sim, um potencial transformador nos jovens vinculados a esses núcleos. No entanto, pela dificuldade em se avaliar e transformar as experiências em números tangíveis, uma demanda comum por órgãos reguladores ou fomentadores de pesquisa, torna-se difícil explicitar a relevância do trabalho realizado pelas referidas instituições. Relevância essa, não apenas em mão única, não como atitude etnocêntrica, mas como um benefício tanto para o jovem, sua comunidade, família e, também, para o ambiente universitário como um todo.

A atitude interdisciplinar nos ajudou a viver e a aprofundar a importância de abraçar o novo, de encarar a complexidade como vetor de oportunidades, não apenas como um problema “complicado” de se investigar. A análise das entrevistas foi tão importante quanto a própria experiência de se realizar as entrevistas. Ou seja, transformar em dados ou números, algo que envolve a sensibilidade e a vivência, deixou de ser uma das intenções ao longo do processo. Notamos que a experiência da ação não é mensurável, pois cada indivíduo teve a sua troca, seu aprendizado durante a investigação. Apenas, desejamos que mais pesquisadores e jovens tenham a oportunidade que tivemos.

De acordo com os objetivos fixados em seus estatutos, a PUC-RIO visa proporcionar aos seus alunos um ensino caracterizado pela busca da excelência e pela preocupação de assegurar uma formação completa da pessoa, inspirada numa visão cristã do mundo e geradora de um senso de responsabilidade e de serviço ao bem comum. Neste sentido, diz literalmente o Regimento Interno da PUC-Rio (1970):

“A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [...] tem por finalidade a inserção na realidade brasileira, colocando a ciência a serviço do homem” (Estatuto PUC-Rio, 1969).

Acreditamos que os resultados aqui apresentados acrescentam informações indispensáveis à denúncia dos problemas brasileiros, bem como oferecem descrições e explicações sem as quais não será jamais possível propor soluções consistentes. Entretanto, fica a questão: Restringindo o comprometimento do pesquisador com a população-alvo, definindo uma relação em que o cientista é o

único habilitado a saber, julgar e dizer, não se está reforçando a posição de inferioridade daquele que é socialmente desfavorecido e a quem a ciência deveria servir?

Sendo a PUC-Rio uma Universidade cristã católica, cabe a ela permitir e apoiar Núcleos de Extensão, os quais visem abordar problemas sociais, levantando hipóteses de pesquisas e ação na busca de resultados que resguardem uma construção social de realidade em múltiplos planos com significados diferenciados, advindos da própria demarcação e elaboração que se dá nas “províncias de significado” (Velho,1994).

A interação social implica a troca dos ideais: de influências, de ações, de ideias, de sentimentos e de opiniões.

Esses ideais envolvem aspectos relacionados aos seguintes anseios:

Comunicação, identidade social, assimilação, controle e participação.

Nos grupos sociais, aparecem atitudes que exteriorizam comportamentos sociais com diferentes perspectivas, ou seja, aceitação; rejeição ou oposição aos membros, dominância ou submissão e fuga ou alienação

Tais atitudes vêm sedimentadas desde a infância e podem ser reforçadas por experiência de vida e pela força da socialização. Tanto na Universidade como na Comunidade, há três áreas nas quais ocorrem as ações do processo interativo, ou seja, a área processual, a área afetivo-emocional e a área da aprendizagem mútua.

A liderança como fenômeno grupal existente deve estar sintonizado com a necessidade e com objetivos do grupo, tendo funções pertinentes, isto é conduzir o grupo à realização das suas metas, melhorar a qualidade das interações dos elementos do grupo, contribuir para a consistência e a coesão grupal e facilitar a disponibilidade e expansão do grupo, o que deve ser bem aproveitado no trabalho comunitário.

As representações sociais advindas das práticas educativas e sociais são o suporte para a interiorização das ideologias onde estão presentes desejos e também fantasias, influenciando a tomada de decisões e organizando os processos simbólicos das relações sociais. Dentre os fatores que podem trazer dificuldades a um trabalho inovador, realizado em Comunidade, ponderamos as seguintes circunstâncias: a desvalorização do próprio processo inovador, advinda da fraca coordenação do trabalho, da insatisfatória comunicação entre os participantes e do

inadequado planejamento; os conflitos permanentes entre pessoas e grupos da Comunidade, provando atitudes de resistências e de oposição às propostas e projetos; os subdesenvolvimentos e precárias condições do meio ambiente e da sociedade, não dando o apoio necessário ao desdobramento das ações; sentimentos de inferioridade e de baixa autoestima, estimulação negativa no ambiente familiar e escolar e ênfase apenas no aspecto intelectual, e da escolarização.

Como facilitadores para o sucesso teríamos que motivar a produção de ideias, encorajar a busca de soluções novas e diferentes, apoiar iniciativas da Comunidade, criar espaço de liberdade de expressão, favorecer oportunidades nos grupos da Comunidade para desenvolver atitudes criadoras e estimular a autoconfiança e autoestima.

No trabalho em Comunidade, vale lembrar que a desejada criatividade abrange áreas como comunicação e linguagem, exploração da realidade social e do mundo e o enriquecimento da sensibilidade.

CONCLUSÃO

“Estou iluminado por dentro, no passado, no futuro mais longínquo e meu presente é não estar no tempo e alçar-me de toda contingência”

Carlos Drummond de Andrade

O inconformismo da então aluna, apresentada na introdução desta tese, vem agora transformado em realização na vivência do Design que amplia seu olhar de mundo integrando a universidade ao saber popular.

Os fenômenos sociais, aqui considerados, fontes de riqueza para o avanço da ciência, com iniciativa interdisciplinar entre sujeito e objeto, professores e alunos, desde 1982, propiciam a concretização e a potencialização de ações para jovens oriundos de diferentes comunidades, onde a família, a escola, o trabalho e a ciência se ampliaram por idealização do NEAM.

No que concerne identificar, contribuir, sugerir, ativar e colaborar através de estudos e pesquisas, em que a problemática maior seria a do adolescente. O Design vem coroar, também, o Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM). Este emerge com a capacidade de cooperar com seus saberes para possibilitar iniciativas, uma vez que em sua atuação apresenta dimensões técnicas, produtivas e sociais, essenciais para o triunfo de uma solução de futuro e para o melhor aproveitamento de matérias primas – barro, bambu, sisal e papel reciclado.

Tal comprovação, enfeixada de ações e projetos, sempre está na vanguarda universitária e opta por um trabalho concreto em comunidades, nas quais a capacidades de crianças e adolescentes é descoberta. Esse fenômeno possibilitou a consolidação da relação do universo Comunidade-Universidade, construindo um conhecimento em conjunto por pesquisadores e moradores como se apresentou na pesquisa com os adolescentes.

Este estudo comprovou a afirmação de Papanek (1993) que é possível levar o Design para as comunidades menos favorecidas, cujas preocupações principais não se restringem, apenas, à necessidade do comer, vestir e abrigar. A academia não é um caminho imediato e autônomo para soluções dos problemas das comunidades, mas, por meio da pesquisa participativa, é, sim, um

direcionamento possível para ações colaborativas e visíveis, O próprio trabalho implementado no Laboratório de Investigação em Livre Desenho (LILD)- Núcleo de Estudo e Ação Sobre o Menor (NEAM), com seus bambus e barros, é mostra de realizações.

O Design veio ao encontro da pesquisa no NEAM no Campus da PUC-Rio, no campus avançado da PUC-Tinguá, em uma metodologia ativa, dando aos participantes e aos pesquisadores a possibilidade de criarem juntos. O Design visa solucionar problemas de nossa sociedade, tendo como objetivo a melhoria das condições de vida dos diferentes grupos, colocando os indivíduos no centro das atenções do projeto e respeitando a cultura particular de cada grupo, criando soluções viáveis e emancipatórias. De certo modo, validamos, então a pesquisa-ação de Thioulet (1985), apresentada no decorrer do conteúdo exposto o qual estreita a relação dos pesquisadores e sujeitos, e ratifica a presença.

Reafirmamos os resultados da interdisciplinaridade na comunidade Rocinha, em uma parceria NEAM-LILD-Comunidade, como coautoria, na concepção de uso e desenvolvimento de uma tecnologia apropriada, na qual se combina a simplicidade do projeto, a viabilidade econômica e a utilização e conhecimento técnico-científico, com vistas à transformação da realidade social pela leitura plural diversificada e o diálogo com o mundo, por meio das redes de conexões.

Registrar a memória coletiva e individual dos trabalhos realizados pelo LILD-NEAM, em uma nova história, a partir das diferentes observações e entrevistas, proporcionou uma reflexão sobre a relevância do design como instrumento de transformação do jovem participante do processo, no sentido da afirmação de sua identidade e pertencimento à sua comunidade.

Tomando o conhecimento da própria cultura, o indivíduo entende a importância de preservar a memória e de valorizar a cultura como formas de resguardar a sua identidade, confirmando a alegação de Halbwachs (2013).

A existência das diferenças marcantes proporciona a aceitação e o reconhecimento, possibilitando uma sensibilidade em relação aos processos sociais que atendam os diferentes universos que se apresentem (Novaes, 1961). São mediações reais e simbólicas que se configuram por meio dos obstáculos e dos paradoxos existentes.

Concluimos que a sensibilização pelo uso dos materiais, como o bambu, o barro, o sisal, e os materiais naturais valoriza cada estágio de formação pelo professor orientador Ripper. O despertar dos jovens para o Design, na utilização de materiais não convencionais e de grande aporte, estimula a apresentação do próprio conhecimento do que seja design, dando oportunidade, veemente, de uma nova vivência, ainda não descoberta; um estímulo comprovado, até, pelo ingresso do jovem participante, Patrick Lopes, no curso de graduação em Design da PUC-Rio.

Nesta pesquisa, a descoberta de valores na matéria prima bambu e barro objetivou alternativas de possibilidades múltiplas, na construção de objetos e soluções em design. A experiência maior foi a aquisição da competência em formar jovens capazes de mudar a realidade instalada, de uma sociedade viciada e caótica para objetos materiais quando transformou a percepção dos mesmos jovens, de uma maneira espontânea, adequando os a um mundo novo, criado por eles, cotidianamente.

A importância da pesquisa e do conhecimento interdisciplinar, alimentados pelos cursos de pós-graduação, criou uma consciência crítica da espontaneidade formativa, sendo consequência um resultado de relevância.

A vivência maior foi a convivência com um orientador, pioneiro no design, capaz de transformar a realidade em um futuro permissível aos resultados que a pesquisa oferece. Neste momento, o bambu se curva ao Prof. Ripper.

O incentivo para essa conclusão é o dia a dia com o departamento de Artes e Design da PUC-Rio, seus professores e sua coordenação. A trajetória do Design Social na PUC-Rio traz a marca desta postura de trabalho e de envolvimento com a realidade, o que se traduz nos laboratórios, na sala de aula e nos projetos de pesquisa.

O NEAM tornou-se um estímulo interdisciplinar para que projetos ligados à transformação social demonstrassem resultados capazes de mudar uma realidade. Na história dos seus 36 anos, foi possível observar a realização de não só de uma interdisciplinaridade, mas, surpreendentemente, de uma transdisciplinaridade para poder estar presente em todos os departamentos onde se integram a teoria e a prática. Espera-se que os resultados da presente pesquisa estimulem os resultados da presente pesquisa estimulem muitos jovens no curso

de graduação em Design e que sobretudo possam contribuir para um mundo melhor.

Não se pode concluir o que exige continuidade de pesquisas e resultados. O bom neste momento é a convicção de termos feito o melhor e nos comprometermos em dar continuidade a nossa pesquisa com o LILD motivando novos jovens a vivenciarem novos projetos. Afinal, ter o Prof. José Luiz Mendes Ripper como mestre e o LILD como espaço de conhecimento é buscar significados de indagação para uma construção possível.

A figura 34 ilustra e simboliza a coração da parceria NEAM-LILD-Comunidade nas mãos de jovens da Rocinha dos quais Ricardo Matos e Davison Coutinho estão hoje graduados em design na PUC-Rio.

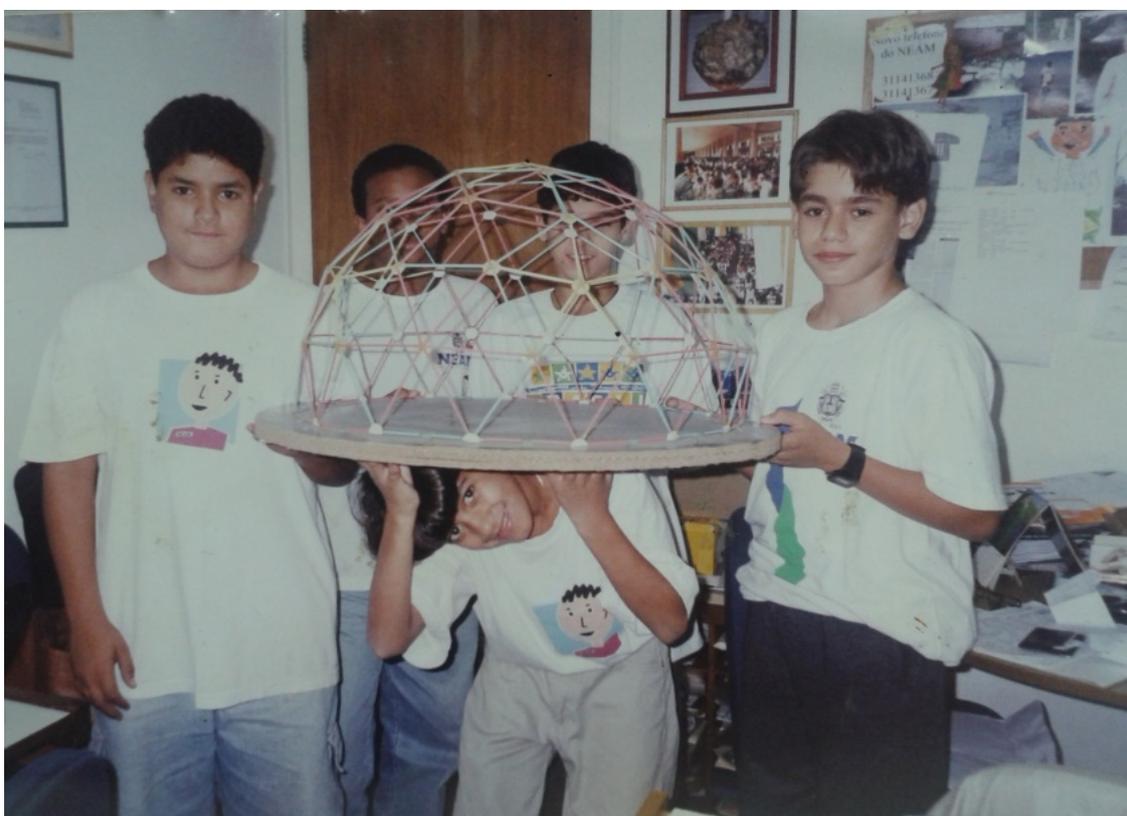


Figura 34: Alunos do NEAM seguram maquete do Domo criado no LILD em 2002. Davison Coutinho, debaixo, graduado e mestre, e Ricardo Matos 3º da esquerda, graduado. (Foto: acervo NEAM)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDOINO, J-. L'Analyse des Pratiques et des situations sociales.

BACHELARD, G. "A poética do espaço", 1974 .

BERGSON, H. "Matéria e memória", 1939.

BAUDRILLARD, J. "Les Systéms des objets: Les Essais.Paris": 1968, Gallimard, 1972.

CARVALHO, C. A escuta de memórias nos labirintos da favela: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção. Tese de Doutorado. PUC-Rio, 2015.

COELHO, L.A. Entrevista sobre Design Participativo. Entrevista concedida a Davison Coutinho. Rio de Janeiro. 17 de junho de 2014.

COUTINHO, D. Um Olhar Sobre A Produção Cultural Na Rocinha. ed. Minister, Rio de Janeiro, 2013.

COUTO, R.M.S., 1997.

DAL BIANCO, B.; DAMAZIO, V. Design em Parceria: Reflexões Sobre Um Modo Singular de Projetar Sob a Ótica do Design e Emoção. PUC-Rio. Dissertação (mestrado em Artes e Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

DAMASIO, A. Em Busca da Epinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMAZIO, V. Artefatos de memória da vida cotidiana: Um olhar interdisciplinar sobre as coisas que fazem bem lembrar. 2005. F Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FREI, O.P. Occupying and Connecting, Editora: Berthold Burkhardt, 2009.

FRESCARA, J. The Dematerialization of Design, Tipografia, nov. 2001. Vera Damazio Cadernos de Estados Avançados em Design, Emoção, 2013, p. 43-61.

FULLER, R.B. Critical Path, St. Martin's Press, 1981.

GIL, A.C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACKS, M. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JOBIM E SOUZA, S. Infância e linguagem, 1995 e Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura, 2000.

KANDEL, E. Em busca da memória. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

MAFFESOLLI, M. No Fundo das Aparências, Tradução de Bertha H. Gurovitz, Petrópolis - RJ, Editora Vozes, 1996.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. Técnicas de Pesquisa Editora Atlas, 2012.

MOREIRA, L.M.; NOVAES, M.H. Psicossociologia e Comunidade, uma experiência interdisciplinar na universidade NEAM/PUC-Rio: Aldeia Editora e Gráfica Ltda, 1994.

NASCIUTTI, J.C.R. O Hífen da Pesquisa-ação: traço de união entre saber e fazer. In: Anais do I Congresso Brasileiro de Psicologia da Comunidade e Trabalho Social. Belo Horizonte, 1992, t. II.

NOVAES, M.H.; MOREIRA, L. Marina Práticas Culturais no Âmbito Universitário. Gráfica PUC-Rio, 2002.

NOVAES, M.H. Compromisso ou alienação frente ao próximo século, Editora NAU, 1999.

NOVAES, M.H. Paradoxos Contemporâneos, p. 13, 2003.

PAPANÉK, V. Da Responsabilidade Social Imposta ao Design Social movido pela razão, publicação, p. 227, 1993.

PAPANÉK, V. Design para o mundo real, 1971.

PAPANÉK, V. Design for the Real World: Human Ecology and Social Change, Chicago, Academy Chicago Publishers.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio, 1992.

RIPPER, J.L. Lógica do objeto natural/Jogos das formas, Editor NAU, 2014.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1985.

VELHO, G. Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração, 1966, Juventude contemporânea: cultura, gostos e carreiras, 2010 e Família, psicologia e sociedade, 1981.